

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE ANGRA DOS REIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E POLÍTICAS PÚBLICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

NÍTALO TALARICO ATHOUGUIA SANTOS

**ANÁLISE DA EXPANSÃO DA ÁREA CENTRAL DE ANGRA DOS
REIS E O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO URBANA**

Angra dos Reis

2021

NÍTALO TALARICO ATHOUGUIA SANTOS

**ANÁLISE DA EXPANSÃO DA ÁREA CENTRAL DE ANGRA DOS REIS E O
PROCESSO DE SEGREGAÇÃO URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense – IEAR/UFF como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Eliane Melara

Angra dos Reis

2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BIAR
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S237a Santos, NÍTALO TALARICO ATHOUGUIA
ANÁLISE DA EXPANSÃO DA ÁREA CENTRAL DE ANGRA DOS REIS E O
PROCESSO DE SEGREGAÇÃO URBANA / NÍTALO TALARICO ATHOUGUIA
Santos ; Eliane Melara, orientadora. Angra dos Reis, 2021.
69 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Educação de
Angra dos Reis, Angra dos Reis, 2021.

1. Segregação urbana. 2. Expansão da área central de
Angra dos Reis. 3. Produção intelectual. I. Melara, Eliane,
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Educação de Angra dos Reis. III. Título.

CDD -

NÍTALO TALARICO ATHOUGUIA SANTOS

**ANÁLISE DA EXPANSÃO DA ÁREA CENTRAL DE ANGRA DOS REIS E O
PROCESSO DE SEGREGAÇÃO URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense – IEAR/UFF como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em xx de xxxxxx de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Eliane Melara (Orientadora – UFF)

Prof. Dr. Michael Alexandre Chetry (Parecerista – UFF)

Angra dos Reis

2021

Dedicatória:

Ao mestre com carinho.

Agradecimentos

Foi uma longa jornada, foi muito difícil, foi cansativo, foi extremamente desafiador, mas nunca pensei em desistir. Piegas? Acredito que não, pois essa é a vida do estudante proletário, agarrar a oportunidade e não soltar mesmo que as intempéries cotidianas tentem incessantemente te fazer retroceder. Minimizar ou tornar desprezioso o sentimento de vitória é um insulto, desconsiderando o processo e a história do indivíduo. Fecho esse primeiro ciclo acadêmico com a esperança de começar uma carreira produtiva de contribuição científica e inspiração aos alunos que virão. Por essas meu primeiro agradecimento é para minha Mãe Dona Joselice Talarico Athouguia, Mulher forte, solar e destemida que me criou sem muita ambição, porém com caráter e dignidade tão altivos que se traduzem na determinação da minha busca profissional. A minha irmã Noemi por estar perto a vida toda me lembrando que compartilhar é o primeiro fator para a humildade. Aos meus amigos verdadeiros que me ensinaram as regras da rua, os diferentes traquejos sociais e a lealdade. Agradeço ao Sr. Nilson Corrêa da Silva de quem não herdei a avidez vorás da leitura, nem o silêncio incômodo de propriedade na sabedoria, resignação ou apenas pra não ser importunado. Mas na disponibilidade desse exemplo e sua mentoria intelectual me fiz questionador na infância, investigador na juventude e pesquisador na vida adulta. Agradeço ao meu pai Sr. Gilberto Alves dos Santos pelos meus irmãos mais velhos e irmãs mais novas, pessoas maravilhosas e mesmo que não criadas juntas espantosamente parecidos em aparência física e personalidade. Agradeço a todos os professores da vida, minhas inspirações para a caminhada docente, que se personificam na Professora Dra. Eliane Melara minha paciente orientadora. E por último não menos importante, a minha amada esposa Maria Luisa Moura Cabral, quem tem me ensinado grandes coisas dentre elas que o óbvio precisa ser dito e por essa e outras que outrora e hoje já não mais acho as coisas que redigi acima, piegas!

A estupidez coloca-se na primeira fila para ser vista;
a inteligência coloca-se na retaguarda para ver.

Bertrand Russell

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a expansão da área central de Angra dos Reis e o processo de segregação socioespacial. A pesquisa foi realizada com base no uso de dados primários e secundários, a partir da observação direta realizada através de atividade de campo, cronologia e comparação de imagens, análise de gráficos e tabelas produzidos por instituições governamentais. Autores como Santos (1985), Nascimento (2016), Abreu (2005), Sposito (2013) e Corrêa (2013) foram utilizados a fim de analisar e compreender os processos de expansão e segregação da área central. Dessa forma, foi possível concluir que Angra dos Reis foi intensamente impactada pelos grandes investimentos estatais e privados, destacando-se a construção da rodovia Rio Santos, o projeto Fundação de Turismo de Angra dos Reis (TURIS), a Usina Nuclear, o Terminal Marítimo Almirante Maximiano da Fonseca (TEBIG) e o Estaleiro Verolme, o que promoveu conflitos com os moradores originários e também processos de migração de pessoas para o município, acarretando drásticas mudanças em suas atividades econômicas e em sua configuração espacial. Assim, ocorreu uma intensa urbanização em Angra do Reis, com a transformação e expansão da área central e aumento da segregação socioespacial. A expansão da área central se caracterizou pela ocupação dos morros próximos ao centro histórico e comercial, e, na maior parte dos casos, por uma população de baixa renda sem titulação de suas terras. Muitas pessoas foram “expulsas” de seus territórios originários, outras são migrantes atraídas pelo mercado temporário de trabalho, promovendo assim, uma reprodução de classe social, especialmente segregada.

Abstract

This paper seeks to analyze the expansion of the central area of Angra dos Reis as a process of socio-spatial segregation. Such research has been developed based on the using of primary and secondary data, through the objective observation during fieldwork, chronology and imagery comparison, as well as the analysis of graphs and charts produced by governmental institutions (IBGE). The works of authors such as Santos (1985), Nascimento (2016), Abreu (2005), Sposito (2013) and Corrêa (2013) have been selected in order to analyze and comprehend the processes of expansion and segregation of the central area. It was possible to conclude that Angra dos Reis has been severely impacted by large investments made by both the government and the private initiative, specially the construction of the Rio-Santos highway, the “Fundação de Turismo de Angra dos Reis (TURIS)” project, the Nuclear Plant, the maritime terminal “Almirante Maximiano da Fonseca (TEBIG)” and the “Verolme” shipyard, which produced conflicts with local traditional communities, causing an intense migration process to the city that drastically altered their economic activities and their spatial setting. Therefore, an intense process of urbanization took place in Angra dos Reis, which could be observed through the transformation and expansion of the central area and a higher rate of socio-spatial segregation. The expansion of the central area has been characterized by the occupation of the hills located near the historical and commercial city center and, in most cases, by low-income social groups with no titling of their lands. Many of those had been “expelled” from their original territory; whereas others can be understood as migrants who were attracted by the temporary labor market, producing, thus, a spatially segregated social stratum.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. HISTÓRIA E PROCESSOS ECONÔMICOS EM ANGRA DOS REIS	20
2.1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	26
2.2 DESENVOLVIMENTO POPULACIONAL	31
3. A EXPANSÃO DA ÁREA CENTRAL E A PRODUÇÃO DE ESPAÇOS SEGREGADOS	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização de Angra dos Reis-RJ.....	14
Figura 2: Declividade.....	16
Figura 3: Relevo	16
Figura 4: Precipitações médias anuais e mensais	17
Figura 5: Área central e sua expansão (morros da Área Central)	17
Figura 6: Representação de Angra dos Reis início do século XX Óleo sobre tela	22
Figura 7: Implantação da ferrovia no trecho urbano onde hoje é a atual Avenida Júlio Maria	25
Figura 8: Bifurcação entre a Atual Av. Julio Maria e a Rua do Comércio antiga Rua Direita.	25
Figura 9: Estaleiro Verolme	26
Figura 10: Estaleiro Verolme	27
Figura 11: Ponta Leste, área do TEBIG	28
Figura 12: Itaorna	29
Figura 13: Planta da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto.....	30
Figura 14: Vista panorâmica a partir do Morro do Bullé	35
Figura 15: Vista panorâmica do Centro de Angra dos Reis a partir do antigo Morro do Bullé, sem a Ilha do Barro.	36
Figura 16: Porto de Angra dos Reis	36
Figura 17: Porto de Angra dos Reis com a atual estrutura do TPAR sob a administração da investidora Splenda.....	37
Figura 18: Angra dos Reis no século VXIII.....	40
Figura 19: Implantação do núcleo urbano original da cidade	40
Figura 20: Centro de Angra dos Reis	41
Figura 21: Casarão, Largo e Convento do Carmo.....	42
Figura 22: Rua Dr. Coutinho, a esquerda o Aterro do Carmo	42
Figura 23: Rua do Cruzeiro, atual Av. Raul Pompéia.....	43
Figura 24: Cruzamento da Avenida Raul Pompéia e a Rua do Comércio.....	43
Figura 25: Mercado do Peixe ou Redondo.....	44
Figura 26: Casa Laranjeira	44
Figura 27: Praça Zumbi dos Palmares	45
Figura 28: Travessa Santa Luzia.....	45
Figura 29: Travessa Santa Luzia atualmente	46
Figura 30: Igreja Matriz.....	46
Figura 31: Igreja Matriz atualmente	47
Figura 32: Entorno do Convento São Bernardino de Sena	47
Figura 33: Entorno Convento São Bernardino de Sena atualmente.....	48
Figura 34: Japuíba dividida pela Rodovia Rio Santos	49
Figura 35: Mapa dos aglomerados subnormais de Angra dos Reis	52
Figura 36: Localização Morros da Região Central	53
Figura 37: Morro da Caixa D'água.....	53
Figura 38: Morro do Abel e Morro da Carioca	54

Figura 39: Contrato de compra e venda S. Bernardino de Sena	56
Figura 40: Contrato de compra e venda terreno no Morro do Santo Antônio	57
Figura 41: Recibos de pagamentos do terreno no Morro do Santo Antônio	58
Figura 42: Porcentagem da População com renda menor que 1 salário mínimo	60
Figura 43: Porcentagem da População com renda maior que 10 salários mínimos	61
Figura 44: Porcentagem da População com renda maior que 10 salários mínimos	62
Figura 45: Espaços fechados em Angra dos Reis.....	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Taxa de urbanização brasileira	32
Gráfico 2: PIB de Angra dos Reis 2002/2016.....	33
Gráfico 3: Aumento populacional	34
Gráfico 4: Urbanização no município de Angra dos Reis	34

1. INTRODUÇÃO

A particularidade geográfica do espaço angrense e a contemplação do produto urbano atual nos remete a vasculhar o passado no sentido de entender a dinâmica do presente.

Nesse trabalho procuramos entender o frágil e influenciável processo de desenvolvimento de Angra dos Reis, analisando aspectos históricos, econômicos e sociais. Conforme a Figura 1, podemos ver o município de Angra dos Reis, que está localizado no litoral Sul Fluminense, inserido na região da Costa Verde que vai de Itaguaí-RJ a Santos-SP. (Figura 1).



Figura 1: Mapa de localização de Angra dos Reis-RJ

Diagnosticamos em Angra dos Reis micro tendências globalizantes (do macro) que desde o século XVI veem fomentando a produção de formas urbanas e interferindo nas dinâmicas dos sujeitos que ali vivem e daqueles que foram chegando, os quais são produtos dos sistemas e subsistemas nas redes que lhe foram impostas ou agregadas (SANTOS, 1985). Podemos analisar as forças centrífugas impressas pela globalização em Angra dos Reis, que internalizou a postura econômica e cultural da sociedade angrense, assim como as forças centrípetas presentes em sua localização privilegiada em relação a proximidade de povoados mais robustos como Rio de Janeiro e São Paulo, e, posteriormente, os maiores centros urbanos da América Latina. Desse modo, pode-se perceber o grande fluxo de escoamento portuário e, mais tarde, a capacidade industrial, relacionada a industrialização tardia do Brasil.

É importante perceber que a cidade tem um aspecto montanhoso, que se dá pela presença da Serra do Mar e a Serra da Bocaina, que terminam abruptamente no oceano, formando uma costa rochosa recortada com muitas angras. Os costões e morros estão recobertos por uma malha densa de floresta tropical sendo a maior extensão do bioma Mata Atlântica que ainda resiste a depredação do homem (NASCIMENTO, 2016).

Por seu sítio se encontrar no embate geológico entre serras e mar, Angra dos Reis tem um alto índice pluviométrico. A umidade produzida pelo oceano encontra resistência na transposição dos morros produzindo chuvas orográficas constantemente.

“Em Angra dos Reis, a Serra do Mar abrange mais de 80% do território. Em termos geomorfológicos, esta unidade se denomina “Escarpas e Reversos da Serra do Mar”. Apenas duas outras unidades geomorfológicas compõem uma pequena parcela do território do município: as Planícies Costeiras ao sul e o Planalto Dissecado, ao norte.” (ABREU, 2005, p.19)

As altitudes variadas de seus morros formam muitas micro bacias hidrográficas, tendo os cursos d’água voltados para litoral, com exceção dos rios Mambucaba e Bracuí, que são grandes coletores hídricos e nascem no planalto, dissecado fora do município (ABREU, 2005).

“Uma série de ilhas de dimensões variadas, disseminadas no mar próximo à escarpa litorânea, foi incluída nesta unidade geomorfológica por serem ilhas continentais, separadas por canais pouco profundos, e que normalmente têm um vínculo litológico, estrutural e morfológico com o continente. Sua formação decorre da elevação, em tempos geológicos, do nível do mar (transgressão marinha), que alagou os interstícios da Serra e encobriu parte de uma antiga macro-bacia hidrográfica (ALMEIDA E CARNEIRO, 1998, p. 147), formando o que se denomina “costa de submersão” ou “ria” (GUERRA, 1993, p. 372).” (ALMEIDA E CARNEIRO, 1998; GUERRA, 1993 *apud* ABREU, 2005, p.20)

As figuras 2, 3 e 4 nos permitem interpretar as condições de ocupação do território angrense. O relevo acidentado com poucas áreas de planície seguido do alto índice pluviométrico não consegue delimitar em absoluto a antropização em espaços de risco, como terras alagáveis e encostas com declive acentuado. O que resulta em catástrofes lamentáveis.

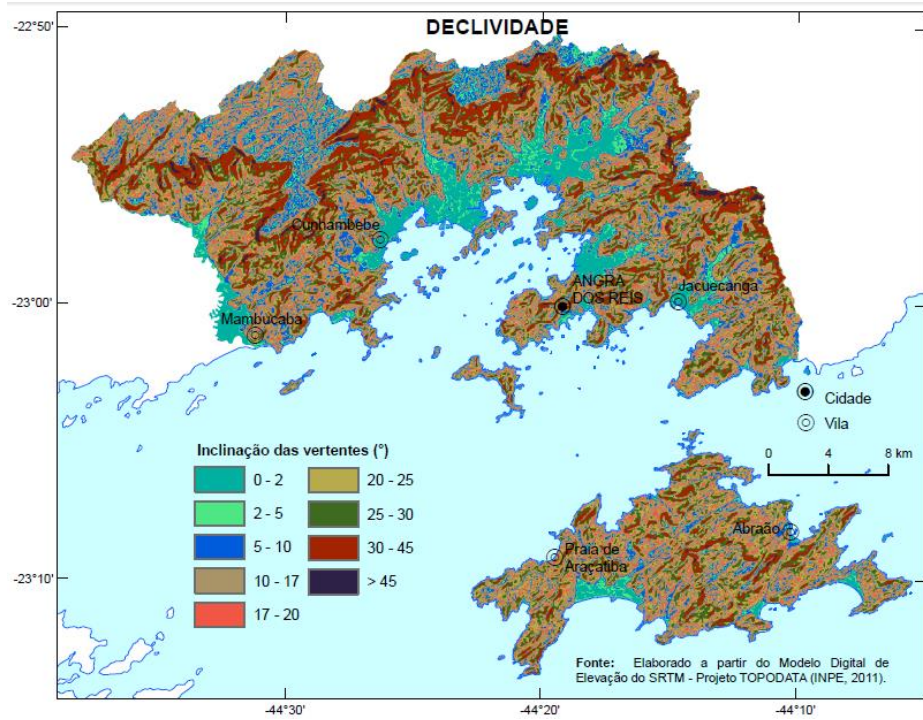


Figura 2: Declividade
 Fonte: CPRM, 2011

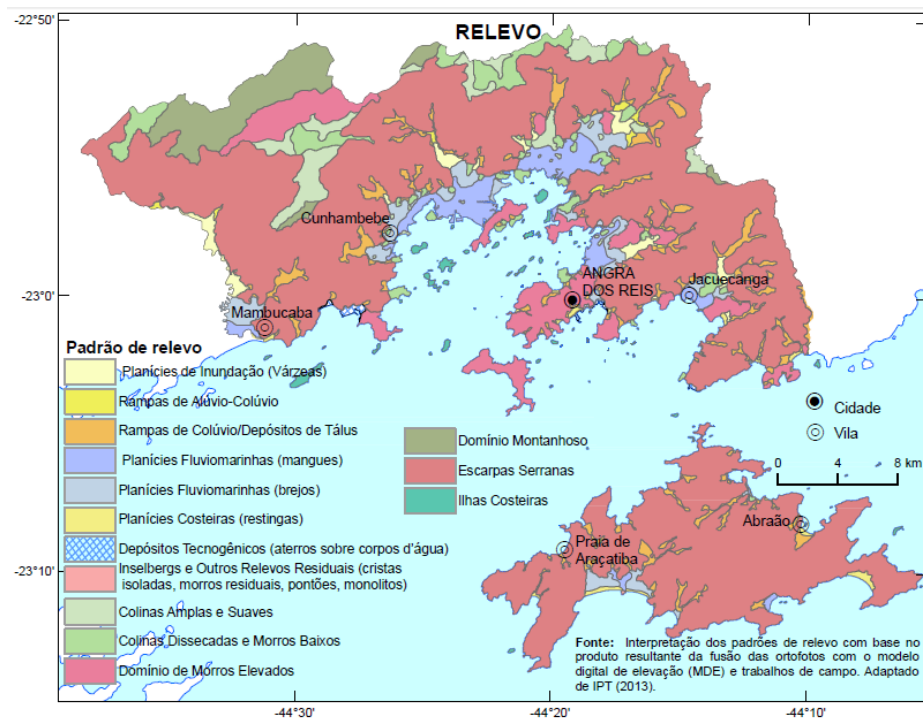


Figura 3: Relevo
 Fonte: CPRM, 2013

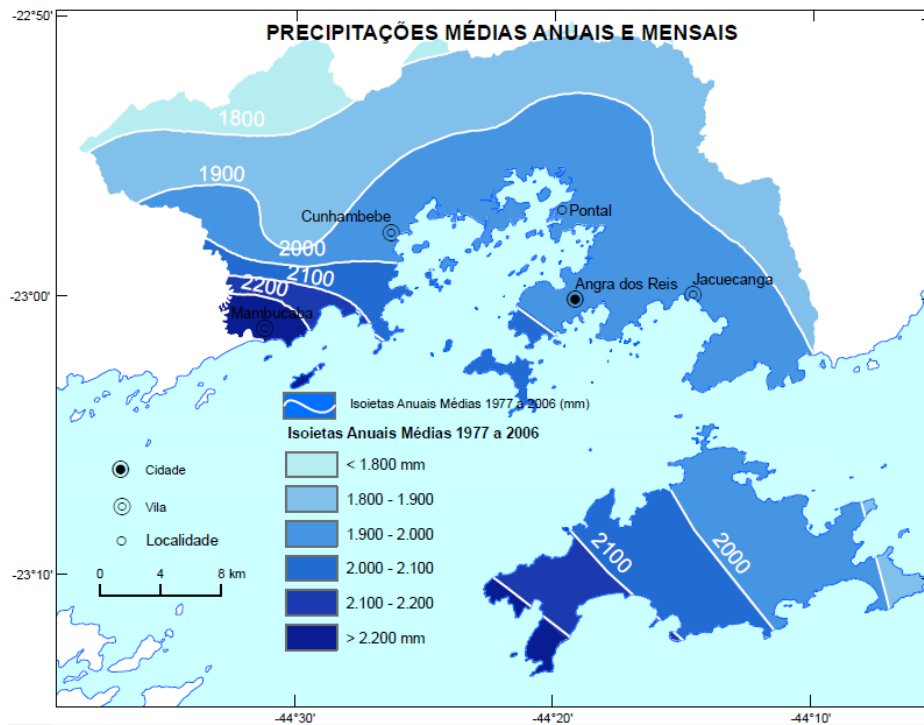


Figura 4: Precipitações médias anuais e mensais

Fonte: CPRM,2013

Nesse contexto, nosso principal foco é o estudo da área central da cidade e sua expansão. Associados ao seu desenho geomorfológico, os vários declínios e ascensões econômicas do município criaram uma relação social complexa e segregada diante das diferenças dos processos de crescimento populacional. (Figura 5).

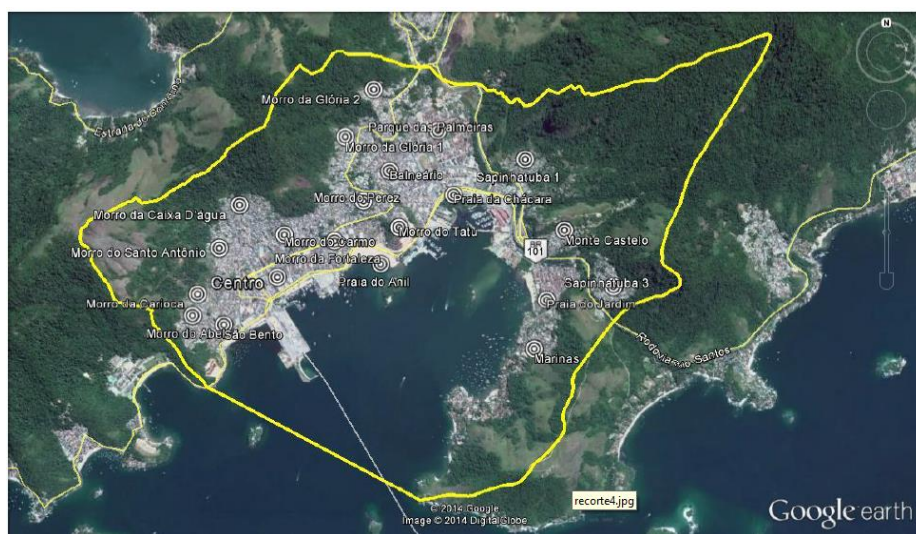


Figura 5: Área central e sua expansão (morros da Área Central)

Fonte: NASCIMENTO, 2016, p.27

A estruturação da área central, onde foi fundado inicialmente todo aparelho governamental e comercial, influenciou nas funções de ocupação do solo, o que futuramente

causou inúmeros conflitos de caráter político em relação as classes dominantes locais e as populações de baixa renda, tanto de moradores residentes de várias gerações ali existentes, bem como da população migrante formada após as várias fases de investimentos econômicos. Assim, observou-se a ocupação da orla pela elite, a transformação da área central através de forças econômicas e políticas, e a produção dos morros da área central, produzidos pela população excluída desses processos de “desenvolvimento” econômico.

Desse modo, devemos salientar que o nosso recorte analítico e espacial para essa monografia está focado na análise da área central de Angra dos Reis. Para tanto, temos como objetivo geral analisar a expansão e as transformações socioespaciais na área central. A fim de alcançar esse objetivo, compreendeu-se a necessidade de se identificar os processos econômicos que participaram da expansão urbana de Angra dos Reis de modo geral; bem como analisar as mudanças no centro da cidade e a expansão urbana da área central em direção as áreas verdes (morros); além de relacionar os processos de expansão urbana com a produção da segregação socioespacial.

Em relação aos procedimentos metodológicos utilizados para a construção do estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pois, conforme cita Gil (2017), esse tipo de pesquisa oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas ainda apresentam abordagens diversas ou inconformidades. Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, Cervo e Bervian (2002, p. 65) afirmam que ela “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental”. Assim, o estudo teve como suporte principal um levantamento bibliográfico referente à temática com os autores como Santos (1985), Nascimento (2016), Abreu (2005), Corrêa (1995), dentre outros.

Dessa forma, os textos selecionados para o estudo se deram a partir da necessidade de embasamento teórico pautados em cada temática abordada, a fim de oferecer uma análise mais aprofundada que permitisse reflexões teóricas dos dados coletados. Esses dados foram selecionados a partir da sua relevância para os argumentos e exposições presentes nesse trabalho.

A fim de estabelecer um comparativo que permitisse a visualização das mudanças espaciais apontadas no trabalho, foi feita uma pesquisa documental com busca de imagens antigas que retratassem o município antes das mudanças provocadas pelos acontecimentos econômicos que serão abordados ao longo do texto. Entretanto, não haviam muitos registros fotográficos. Foram utilizadas fontes como artigos, dissertações e mídias digitais relacionados ao município para efetuar essa busca. Embora o resultado tenha sido

significativo, algumas figuras carecem de informações que nos seriam interessantes, como, por exemplo, o ano do registro.

Afim de estruturar o comparativo entre as imagens ao longo do tempo, foi utilizado imagens presentes em meu acervo pessoal. Segundo Gil (2008)

“Fica claro que não podem ser utilizados como fontes de dados para descrição estatística ou teste de hipóteses. Contudo, apresentam inestimável valor para a realização de estudos exploratórios, com vistas, sobretudo, a estimular a compreensão do problema e também para complementar dados obtidos mediante outros procedimentos.” (GIL, 2008, p. 151)

Dessa forma, a escolha da utilização de registros contidos em meu acervo pessoal se deu a partir da compreensão de que as imagens seriam extremamente necessárias para embasar o comparativo proposto no trabalho.

Para essa pesquisa fizemos também uso de dados primários e secundários, a partir da observação direta com atividade de campo, cronologia e comparação de imagens, análise de gráficos e tabelas produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de realizarmos uma revisão bibliográfica a respeito da região e município, e em relação ao recorte analítico do trabalho. Fizemos uso de sites com informações históricas, que também trouxeram questões importantes para pesquisa.

Através da inserção de campo foi possível conversar com moradores e comerciantes que nasceram ou vivem no município há muitos anos, o que tornou possível a coleta de dados através de entrevista informais. Segundo Gil (2017), “O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado” (GIL, 2017, p.111).

2. HISTÓRIA E PROCESSOS ECONÔMICOS EM ANGRA DOS REIS

Em 13 de maio de 1501, ao comando de Gonçalo Coelho (o revisionismo histórico constante, tanto brasileiro como português, dá a outros dois navegadores o crédito pela empreitada, Gaspar de Lemos e André Gonçalves) e, a serviço do Rei de Portugal Dom Manoel I, uma esquadra de três naus parte para reconhecimento do então descoberto território a oeste. Ao chegarem à costa, fizeram paradas seguidas do batismo das localidades, seguindo a tradição católica lusitana de dar nomes dos santos do dia, como em 01 de novembro de 1501, na Bahía Todos os Santos (atual Bahía), e em 01 de janeiro de 1502, em São Sebastião do Rio de Janeiro (atual Rio de Janeiro)¹. Com o errôneo mito de que os portugueses confundiram a atual Baía de Guanabara com a foz de um rio, sendo “ria” um nome técnico geográfico para uma grande e recortada baía, assim foi em 06 de janeiro de 1502 com Angra dos Reis, no dia dos Santos Reis Magos.²

Nos primeiros momentos do Brasil colônia, Angra dos Reis aparece como um entreposto, meio de caminho entre São Sebastião (atual Rio de Janeiro) e o forte de Bertioga (atual litoral paulista) (MACHADO, 1995). Angra, uma palavra portuguesa para designar uma pequena baía ou uma enseada. A Baía da Ilha Grande se mostrou, aos portugueses, como uma espécie de porto seguro fortificado naturalmente, com um arquipélago de ilhas abundante. Os costões continentais, com mata fechada e um afastamento mínimo das planícies lideiras com o mar, há sua frente uma massa de terra com longa extensão, a Ilha Grande com seus 193Km quadrados se entrepunha às intempéries do mar aberto e o sítio paradisíaco.

O notório navegador e cosmógrafo italiano Américo Vesúcio, que tripulava uma das naus da esquadra de Gonçalo Coelho, escreveu: "Algumas vezes me extasiei com os odores das árvores e das flores e com os sabores dessas frutas e raízes, tanto que pensava comigo estar perto do Paraíso Terrestre. E o que direi da quantidade de pássaros, das cores das suas plumagens e cantos, quantos são e de quanta beleza? Não quero me estender nisto, pois duvido que me deem crédito".³

Um alemão contratado pela capitania de São Vicente como artilheiro (técnico de armamentos) é o autor dos relatos mais antigos e próximos a realidade sobre a localidade e a dinâmica de seus nativos. Nesse relato, com primeira publicação de 1557 em língua germânica Hans Staden, conta como foi capturado por indígenas da etnia tupinambá e

¹ https://www.ebiografia.com/americo_vespucio/

² <https://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia/descobrimto-da-ilha-grande/>

³ <http://www.angra.com.br/home/angra/phistoria.cfm>

levado aos seus domínios (MACHADO, 1995). Cativo por nove meses até seu resgate por uma embarcação francesa, conviveu com esse povo, entendendo que participava de um longo ritual antropofágico, podendo ver e participar de diversas atividades dos nativos, inclusive em rituais antropofágicos com terceiros e batalhas com portugueses e outras etnias indígenas, nas quais se viu obrigado a lutar pelos tupinambás.

Hans Staden era prisioneiro de Cunhambebe, o famoso chefe da confederação dos Tamoios, o terror dos portugueses. Sua influência política, e podemos dizer militar, entre as lideranças indígenas se estendia pelo litoral, desde onde hoje é Cabo-frio no Rio de Janeiro até Bertioga, em São Paulo. A Confederação dos Tamoios desafiava o poderio português no litoral sul do Brasil, irascíveis guerreiros dificilmente capturados e escravizados até então, se aliaram aos franceses na época da tentativa de implantação da França Antártica. Não se sabe exatamente qual era a localização da tribo de Cunhambebe, se especula que seria entre as atuais (e ainda com nomes originais) Mambucaba (Angra dos Reis) e Ubatuba (município de São Paulo). Hans Staden não faz nenhuma menção a povoamento europeu à costa ou na Ilha Grande (MACHADO, 1995).

O historiador Honório Lima relata que em 1560 a Coroa Portuguesa reconhece uma povoação onde hoje é o atual bairro quase que totalmente litorâneo da Vila-Velha (analogia ao antigo povoado). Em 1593 o rei Felipe de Espanha e Portugal (União Ibérica 1580-1640) eleva o povoado a título de paróquia e logo após em 1608 a Vila. (MACHADO, 1995). A geógrafa Lia Osório Machado (1995) chama a atenção para o fato de que mesmo sendo chamada de Vila tais localidades não dispunham necessariamente de uma estrutura urbana, mas sim de um aglomerado de casebres onde as únicas construções de alvenaria seriam os prédios eclesiásticos.

Nesse período, temos relatos com as atividades econômicas das plantações de cana-de-açúcar e alimentos, assim como a pesca de baleia. Ressalta-se também que as principais evidências das riquezas da época se encontram nos interiores das igrejas, comprovando uma economia prospera em algum período. Em 1624 o povoado se transfere para onde temos hoje a região central do município por caráter supersticioso e religioso, em razão do assassinato do padre da paróquia. A vila se restabelece na área próxima ao já construído Convento do Carmo fundado pela Ordem Carmelita por volta de 1617. (MACHADO, 1995).

Com a descoberta das minas de ouro em Minas Gerais e o caminho que vinha das regiões mineradoras até Paraty, pode-se atribuir o enriquecimento da povoação de Angra dos Reis na primeira metade do século XVIII à mudança na rede de comunicação regional, associada ao contrabando de ouro. Isso é expresso na construção do Convento de São Bernardino de Sena, iniciado em 1753 e concluído em dez anos (MACHADO, 1995). A

crescente economia do território, assim como seus portos estratégicos, chama a atenção da grande rede de pirataria que sempre transitou no litoral brasileiro. Na figura a seguir podemos ver uma pintura que retrata Angra dos Reis nesse período.

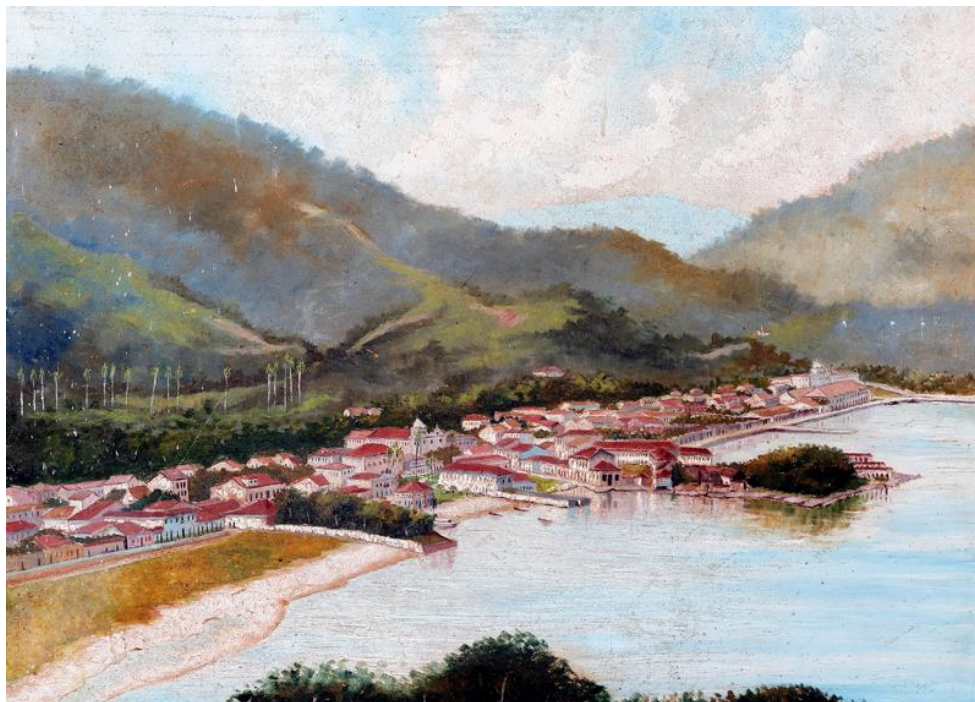


Figura 6: Representação de Angra dos Reis início do século XX Óleo sobre tela

Fonte: Narciso (1995) acervo pessoal do Sr. Nilson Correia da Silva, ano desconhecido

Segundo Capaz (1996):

“Na travessia do século XVII para o XVIII, a região da Ilha Grande viveu um período de grande fastígio econômico. Com a descoberta do ouro nas Gerais, intensificou-se o trânsito de aventureiros que entravam pelo sertão em busca de fortuna; e corsários passaram a rondar a costa para saquear embarcações desprotegidas”. (CAPAZ, 1996, p. 98).

O “caminho dos guayanazes” (trilhas indígenas que seguiam interior a dentro), também conhecido como “caminho velho”, servia para o escoamento da produção aurífera. Aos que se aventuravam, era necessário ir de barco até Angra ou Paraty e depois seguir a pé subindo a Serra do Facão até Taubaté. Transpondo a serra, seguia-se para Pindamonhangaba até alcançar território mineiro. O caminho longo e árduo facilitava a atividade do contrabando:

“A partir de Angra dos Reis, desde o início do século XVIII, subiam exploradores da Serra do Mar, provavelmente buscando alternativas para a saída do ouro proveniente das Minas. Podemos supor, assim que por essa época o contrabando permitiu o sustento de muitas famílias e povoações angrenses”. (MACHADO *Apud* VASCONCELLOS, 2006, p.40).

O caminho velho, além de espinhoso, era também um agravante para o não pagamento dos “quintos” à coroa portuguesa. O imposto cobrava um quinto de toda uma carga de ouro vindos do interior. A casa de fundição que se localizava em Paraty, após a cobrança do quinto, levava de embarcação as cargas valiosas ao porto do Rio de Janeiro. Esse trajeto era muito perigoso devido a presença dos piratas de diferentes nacionalidades. Isso fez com que houvessem inúmeras tentativas de investimento para um caminho terrestre que fosse direto à capital, que, por sua vez, direcionaria à metrópole (MACHADO, 1995).

De acordo com Machado (1995) a coroa tentou oferecer terrenos no interior para investidores, na contrapartida de construção das estradas em direção ao Rio de Janeiro, o que não se concretizou. Então, com o financiamento da própria coroa, foi feito o “caminho novo”, se mostrando um investimento de expansão agrícola e de povoamento, que se construirá devido ao transporte das riquezas, como postos de controle e retenção de impostos, paradas para os tropeiros e pequenas propriedades agrícolas. Nos trinta anos de sua construção foram expostas novas possibilidades econômicas para Angra dos Reis, seguido dos novos caminhos em direção a estrada, tendo como sua via principal o Vale do Ariró, onde havia um contrabando de ouro intenso.

Machado (1995), destaca ainda que

“Até o século XVII a mão de obra utilizada na região era de origem indígena, pois nenhuma das atividades agrícolas era suficientemente valorizada para justificar a importação de escravos africanos. Há uma notícia da existência de um aldeamento indígena na margem direita do rio Mambucaba, por volta de 1660, onde teriam sido “recrutados” os índios, por iniciativa da Câmara Municipal de Angra dos Reis, para “descobrir, abrir, descortinar os caminhos da Vila de Paraty para o sertão, com os de São Paulo” (MACHADO, 1995. p.7).

Dessa forma, o cultivo de cana de açúcar, principalmente para a produção de aguardente que servia para o abastecimento interno da colônia, se tornou importante para o escambo de pessoas escravizadas com os “navios negreiros”. Com isso, o porto de Angra, no final do século XVIII, foi muito importante na rede organizada em torno do tráfico legal de pessoas escravizadas.

No século XIX, mesmo com a atividade mineradora em declínio, percebe-se que o povoamento de Angra dos Reis se autossustenta devido aos pequenos portos, tendo em vista a capacidade agrícola e a força centrípeta (SANTOS, 2006) econômica surgente nas plantações de café do Vale do Paraíba. Devido as quantidades de caminhos que vinham do interior ligados a Minas e São Paulo, Angra se tornou um dos grandes escoadouros da produção de café nacional. Ao mesmo tempo, reafirma a produção interna de cana-de-

açúcar e a multiplicação de destilarias de água-ardente, onde grande parte da produção era destinada ao escambo para com negros escravizados, exportando indiretamente para muitos países (ABREU, 2005).

Os portos de Angra foram muito importantes para o comércio de pessoas escravizadas durante sua fase legal, e, mais ainda, em meados do século XIX, onde a atividade foi considerada ilegal por imposição da Inglaterra na emergência da modernização de Estados em atraso com a agenda pós primeira revolução industrial (ABREU, 2005).

“É graças ao café e ao tráfico⁴ que, pela primeira vez em sua história, Angra dos Reis conhece o desenvolvimento urbano. Elevada a *Terço* em 1808, à sede de *Comarca* em 1828, abrangendo uma área que se estendia desde Itaguaí, Mangaratiba e Paraty, a antiga povoação de N.S. da Conceição, agora Angra dos Reis, foi elevada à categoria de cidade em 1835. A Santa Casa da Misericórdia foi construída em 1836, para atender aos casos de tifo, impaludismo e febre amarela; o Paço Municipal em 1876; e o primeiro jornal semanal aparece em 1860.” (MACHADO, 1995, p.13).

Angra passou por um período de quase cem anos de estagnação com a desarticulação das suas bases econômicas: o declínio da produção cafeeira, a abolição da escravatura e o golpe mais sentido, a criação da estrada de ferro ligando Rio de Janeiro à São Paulo pelo Vale do Paraíba. A construção da ferrovia transformou a relação tempo-espaço, acelerando o processo de transporte de insumos e passageiros, isolando ao mesmo tempo as microeconomias estabelecidas ao longo do “caminho novo”. Mais uma vez Angra dos Reis vivencia a transformação das redes por influências externas. A dependência econômica dessas forças exteriores acompanha a opacidade do território diante da luminosidade (SANTOS, 2006) urbana e dinâmica, incluindo todos os acessórios industriais de Rio de Janeiro e São Paulo da época.

A estagnação e a retração populacional tiveram um efeito positivo na recuperação da Mata Atlântica da região. Em 1932, por iniciativa de empresários mineiros, foi inaugurada a estrada de ferro que ligava Minas ao porto de Angra, passando por Barra Mansa e Rio Claro. Os mineiros queriam uma opção ao monopólio de Santos e Rio de Janeiro, que ganhou importância com a inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda em 1940. Tais eventos trouxeram ânimo à economia angrense, retomando sua importância na participação da atividade portuária nacional. A estrada de ferro inicialmente transportou quase que exclusivamente farinha de trigo e, posteriormente, o aço produzido pela CSN (MACHADO, 1995). Nas figuras a seguir podemos observar as mudanças ocorridas no local.

⁴ Se faz necessário ressaltar que a associação do crescimento urbano com o tráfico causou certa aversão. Mesmo compreendendo a colocação da autora, o fato do tráfico ser retratado de maneira naturalizada, sem qualquer problematização em relação a sua prática, provoca uma certa indignação.



Figura 7: Implantação da ferrovia no trecho urbano onde hoje é a atual Avenida Júlio Maria
Fonte: IPHAN, data e autoria desconhecidas.



Figura 8: Bifurcação entre a Atual Av. Julio Maria e a Rua do Comércio antiga Rua Direita.
Fonte: Acervo pessoal / Autor: Nítalo Talarico, 2017

2.1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O estaleiro Verolme foi o primeiro empreendimento industrial fabril da região, o que colocou Angra dos Reis na condição de uma forte força centrípeta (SANTOS, 2006), um centro que atraía pessoas, serviços e materiais em fluxo intenso, inéditos até então na cidade. Podemos ver nas imagens seguintes as transformações que o estaleiro proporcionou na paisagem. Na figura 9, registrada anos 70, ao fundo, confrontando as linhas de morro e taludes acima do mar, temos muito nitidamente o traçado da Rodovia Rio Santos, o que não pode ser distinguido tão nitidamente na figura 10, datada em 2018, por conta da concentrada urbanização em torno do empreendimento. Podemos perceber também a diminuição de faixas de praia, como a da Praia do Machado à esquerda e da Praia de Jacuecanga à direita. Mesmo que tardio, Angra sofreu de maneira bruta e rápida os efeitos de uma industrialização, sem a participação da comunidade nas tomadas de decisão no processo de implantação dos empreendimentos.



Figura 9: Estaleiro Verolme

Fonte: IBGE, 1975

<https://climaonline.com.br/angra-dos-reis-rj/foto/vista-aerea-do-estaleiro-verolme-angra-dos-reis-rj-105-1351>, acessado em 18/07/2021



Figura 10: Estaleiro Verolme

Fonte: Fonte e autor desconhecidos, 2018

<https://www.youtube.com/watch?v=Q3C16F0SYkg>, acessado em 18/07/2021, Upload do vídeo em 19 de abril de 2018.

O TEBIG (Terminal da Baía da Ilha Grande) foi construído em 1977 com a finalidade de abastecer as refinarias de Duque de Caxias (RJ) e Gabriel Passos (MG), recebendo navios de grande porte e enviando petróleo e derivados por oleodutos. Segundo o site da Petrobras⁵, o terminal também é utilizado como entreposto de exportação e cabotagem para terminais de porte menor. Outra função do terminal é a de elaboração de bunker e a exportação de óleo combustível excedente na produção nacional. Ainda segundo o site, o bunker é utilizado com o intuito de atender a demanda de abastecimento dos navios que operam no terminal e nos portos de Mangaratiba e Sepetiba. Na figura 11 é possível observar como é a área do TEBIG na Ponta Leste.

⁵ <https://petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/principais-operacoes/terminais-e-oleodutos/terminal-angra-dos-reis.htm> acessado em 20/07/2021

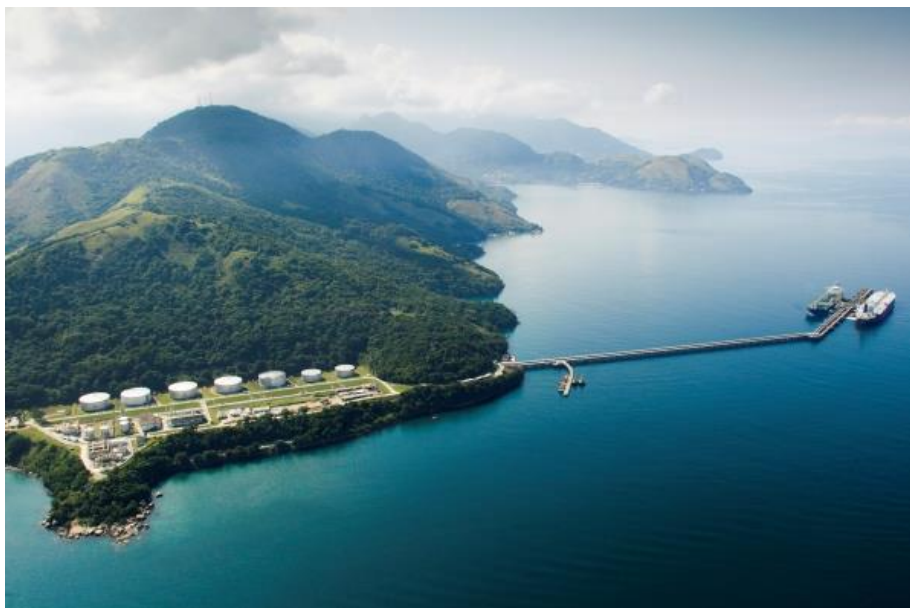


Figura 11: Ponta Leste, área do TEBIG

Fonte: Petrobrás, ano desconhecido

<https://petrobras.com.br/fatos-e-dados/atingimos-a-marca-de-225-operacoes-de-transferencia-de-petroleo-entre-navios-na-baia-de-ilha-grande.htm>, acessado em 18/07/2021

Com a construção da BR – 101 (1972-1974), que ligou Rio de Janeiro a São Paulo pelo litoral, Angra dos Reis passou a ser acessada em duas horas em relação à capital, permitindo o aproveitamento imobiliário dos seus recursos paisagísticos e ambientais, agora plenamente recompostos, em face da franca regeneração da Mata Atlântica. Tais recursos foram intencionalmente aproveitados pelo mercado turístico-imobiliário, mais uma vez conforme ações planejadas em nível federal, não servindo a interesses municipais. Em nível local, este processo inaugura uma fase turística no Município. Nesta fase veio a construção de hotéis, condomínios, marinas e loteamento, o que modificou a paisagem costeira, causando danos ambientais e a valorização especulativa de terrenos. Planejando a abertura dessa rodovia, o governo federal, com o projeto “Desenvolvimento Turístico do Litoral Rio Santos” (TURIS), incentivou o turismo classe “A” na região, acentuando a ocupação desigual do espaço. (ABREU, 2005).

Toda essa conjuntura em Angra dos Reis propiciou a construção de “segundas residências”. Com isso, se vinculou o desenvolvimento local ao capital imobiliário, com a produção de núcleos dotados de externalidades positivas, em contraponto à formação de assentamentos desprovidos de infraestrutura, ocupados pelos grupos sociais excluídos. Como consequência do crescente turismo sazonal, baseado em formas de lazer do tipo “agito, sol e mar”, despreza-se o cenário natural que o território oferece ao fazer uso predatório do ambiente (ABREU, 2005).

O ciclo de intervenções que foram desenvolvidas fora do município e apoiadas em interesses externos ao dinamismo local, ajudou a impulsionar o aparecimento de novos agentes e circuitos econômicos, seguindo os novos formatos espaciais. Com o governo de Juscelino Kubitchek e seu programa desenvolvimentista, um grupo holandês iniciou em 1959 a construção do Estaleiro Verolme, na planície de Jacuecanga. Estima-se que 4.000 operários foram recrutados para a construção do estaleiro, acrescido de um fluxo migratório de mão de obra qualificada e não qualificada (MACHADO, 1995).

Na década de 70 Angra dos Reis, por sua topografia (proximidade com o mar) e alto índice pluviométrico, foi escolhida para sediar um complexo nuclear de três usinas e o terminal portuário da Petrobrás, mencionado anteriormente. A partir daí o município tornou-se área de segurança nacional. As obras das usinas se iniciaram em 1972 com previsão de término para 1977 e funcionamento para 1978. Porém, com os imprevistos que obras dessa magnitude geralmente têm, foi posta em operação apenas em 1985. Nas imagens seguintes podemos comparar as transformações paisagísticas na região de Itaorna, na figura 12, datada em dezembro de 1971. Assim como nas imagens apresentadas do Estaleiro Verolme, podemos ver o traçado da Rodovia Rio Santos passando ao longo do sítio e a praia de de Itaorna.



Figura 12: Itaorna

Fonte: Jornal O Globo, 1971

<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/usinas-atomicas-em-angra-dos-reis-17012491>,
acessado em 18/07/2021

Na figura 13 podemos observar a planta da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, as usinas de Angra I e Angra II, como também as fundações da obra estagnada de Angra III que, paralisada nos anos 80, teve suas obras retomadas em 2010 pelo PAC (Programa de

Aceleração do Crescimento). Logo depois, em 2015, foi paralisada novamente pelas operações da primeira fase da Lava Jato, com a descoberta de esquemas fraudulentos envolvendo a obra. Segundo o site da Eletrobrás, a Central Nuclear produz em torno de 3% da energia total gerada em território nacional⁶.



Figura 13: Planta da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto

Fonte: Eletronuclear, ano desconhecido

<https://www.eletronuclear.gov.br/Quem-Somos/Paginas/A-Eletronuclear-Eletronuclear.aspx>, acessado em 18/07/2021

A implantação desses empreendimentos esteve ligada a criação de canteiros de obras para os trabalhadores temporários. Porém, finalizada a obra, e como é comum em grandes projetos, uma parcela dos trabalhadores fixava residências, surgindo daí, os loteamentos ligados às atividades industriais. Nesse sentido, a composição social do município se modifica com a formação de uma classe trabalhadora fabril, composta em sua maioria por trabalhadores do setor metalúrgico. Com a implantação de vilas autônomas surgem novos núcleos urbanos, ordenados e desordenados, ao redor das áreas industriais. E, por um fator geográfico singular, pequenas planícies aluviais, como Jacuecanga, Monsuaba, Grande Japuíba, Frade e Mambucaba se tornaram o destino natural para a população trabalhadora (ABREU, 2005).

⁶ <https://www.eletronuclear.gov.br/Quem-Somos/Paginas/A-Eletronuclear-Eletronuclear.aspx> Acessado em 19/07/2021

O desenvolvimento de Angra dos Reis esteve ligado às atividades portuárias e pesqueiras por longo período. Sua história está relacionada à sua forma de economia, que depende da comunicação com o exterior. Ou seja, fatores de seu desenvolvimento são alheios aos interesses municipais e dependentes dos interesses e pretensões de instâncias superiores, com tudo aquilo que não lhe é próprio (ABREU,2005). Dessa forma, percebe-se claramente aquilo que Santos (1995) denominou de ordem dominante global, que atua no local organizando o território conforme os interesses do capital.

Na década de 1990, após inúmeras mudanças de nome e CNPJ, o Estaleiro entra em processo de falência e, dessa forma, demissões em massa assolam a cidade. Segundo entrevistas realizadas com moradores e trabalhadores do estaleiro⁷, nesse período a cidade começa a entrar em grande colapso. As casas que antes foram reformadas para receber novos moradores passavam a ser grandes construções sem função social. Devido o esvaziamento da cidade, os mercados e outros serviços começaram a falir, visto a falta do capital girando. Mesmo com a crise angrense, é nesta década que o primeiro *shopping center* da cidade é inaugurado. Em 1998 o Shopping Piratas inicia suas atividades junto com a sua Marina, nos fundos do complexo que o corresponde.

2.2 DESENVOLVIMENTO POPULACIONAL

Retomando a história da industrialização no mundo, no período de capitalismo comercial, tínhamos pequenos centros para realização de trocas de mercadorias. As cidades ainda não tinham uma extensão tão grande como foi ocorrer um século depois na Europa. Assim, no período da Revolução Industrial, podemos perceber uma urbanização elevada e complexa, onde as cidades começaram a apresentar uma estrutura centro-periferia.

No Brasil esse processo de urbanização-industrialização ocorreu apenas no século XX. Porém, enquanto na Europa esses processos tiveram uma duração de mais de 300 anos para se concretizar, no Brasil, cerca de 50 anos foram suficientes para transformar um país agrário em urbano, como pode ser observado no gráfico 1:

⁷ Entrevistas realizadas por alunos de Geografia num trabalho da disciplina de Geografia econômica e da Indústria em julho de 2019.

Gráfico 1: Taxa de urbanização brasileira



Fonte: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-brasileira.html> ,
Acessado em 11/09/2021

Angra dos Reis também está inserida nesse processo de urbanização e industrialização tardia. Os primeiros núcleos já começaram aparecer no período colonial. Porém, no século XX, o processo de urbanização foi bastante rápido e, ao mesmo tempo, não planejado pelo poder público, deixando muitas pessoas numa situação de precariedade econômica, social e de infraestrutura urbana.

Não muito diferente da maioria das cidades colônia da América Latina, Angra teve sua centralidade iniciada pela construção de prédios públicos e clericais, onde, apesar das campanhas de demolição de prédios antigos dos anos 70 e 80, algumas construções do século XVII e XVIII ainda resistem. Segundo Roberto Lobato Correa (1989), o aparecimento das áreas centrais está ligado com o emergir do capitalismo na sua fase de industrialização, ambos sincronizados, logo, processo, forma e funções estão diretamente conectados.

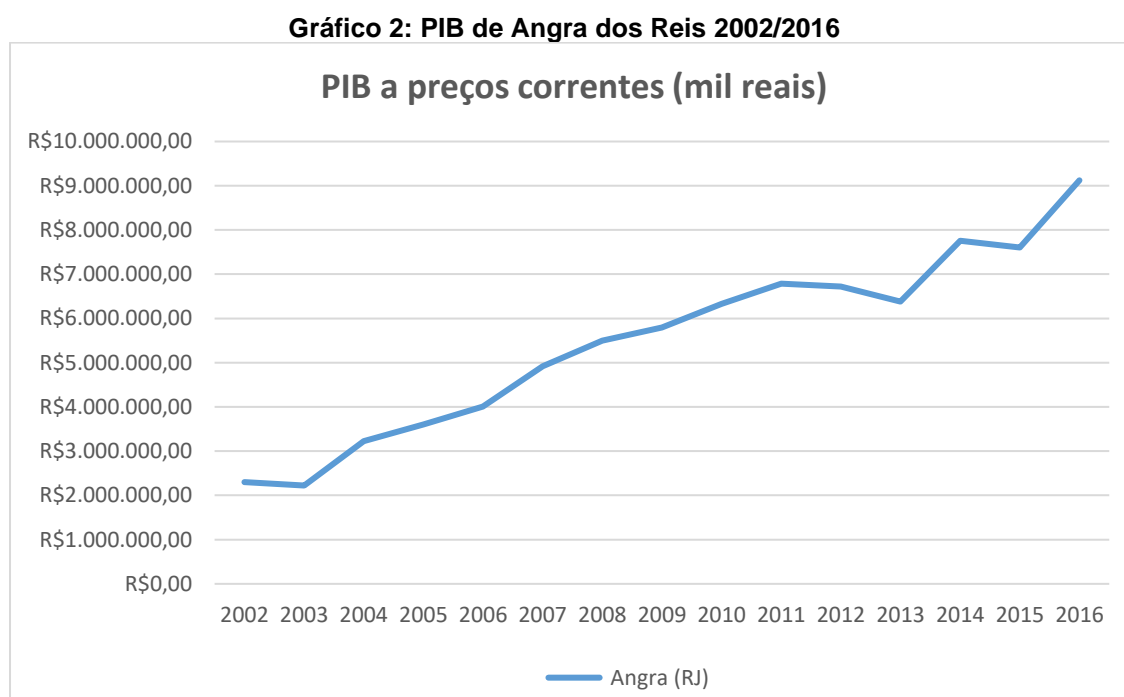
Em 2000 a população em Angra dos Reis era de 119.247 (IBGE). Em 2002, bem nos últimos anos de governo FHC, o estaleiro reabriu como BrasFELS (substituindo o grupo holandês Verolme pelo grupo sigapurenho KepelFells), gerando a criação de muitos empregos na cidade, se tornando uma fonte de renda importante para uma parcela significativa da população. Após a mudança no Governo Federal, o setor náutico começou a receber inúmeros investimentos. Moradores dos bairros adjacentes ao estaleiro relatam⁸ que trabalhavam na BrasFELS, com um público estimado de 18.000 pessoas, entre habitantes locais e moradores temporários - pessoas que trabalham embarcadas, brasileiras ou não, que vinham ter experiências no Estaleiro em Angra dos Reis. Com o dólar barato e

⁸ Dados coletados através de entrevistas informais com moradores dos bairros adjacentes ao estaleiro

a economia brasileira não atingida, num primeiro momento, pela crise do capitalismo em 2008, Angra dos Reis vivia dias de glória.

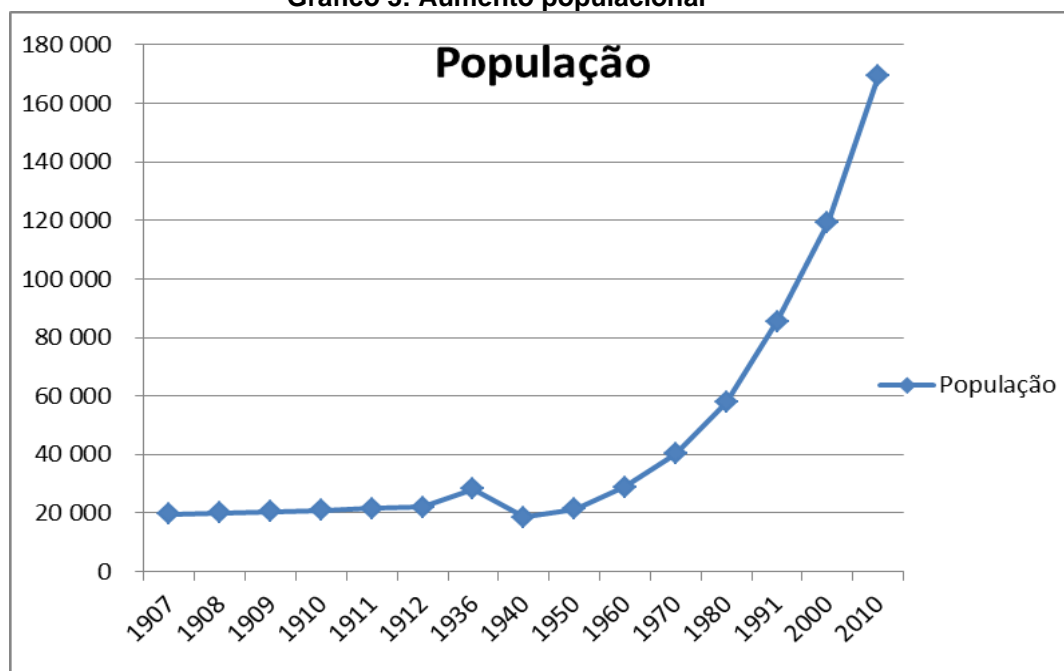
A Petrobrás a pleno vapor, a usina gerando energia como nunca, bem como o funcionamento do estaleiro. Novas casas foram construídas, assim como *kitnets*, casas noturnas, mercados, escolas restaurantes e bares (perceptível se andarmos pelo perímetro de diversos bairros).

O PIB estimado de Angra dos Reis crescera, de 2002 até 2016 (Gráfico 2), variando de R\$2.296.837.000,00 até R\$ 9.122.561.000,00. Além do PIB, observamos um crescimento da população considerável desde 1950 até os anos 2000. A população duplicou de 1980 até a década de 2000. Segundo Censo do IBGE (2010), a população já era de 169.511, e estima-se, também segundo IBGE (2019) que a população esteja acima de 203.785 pessoas (Gráfico 3).



Fonte: IBGE, 2010/2020

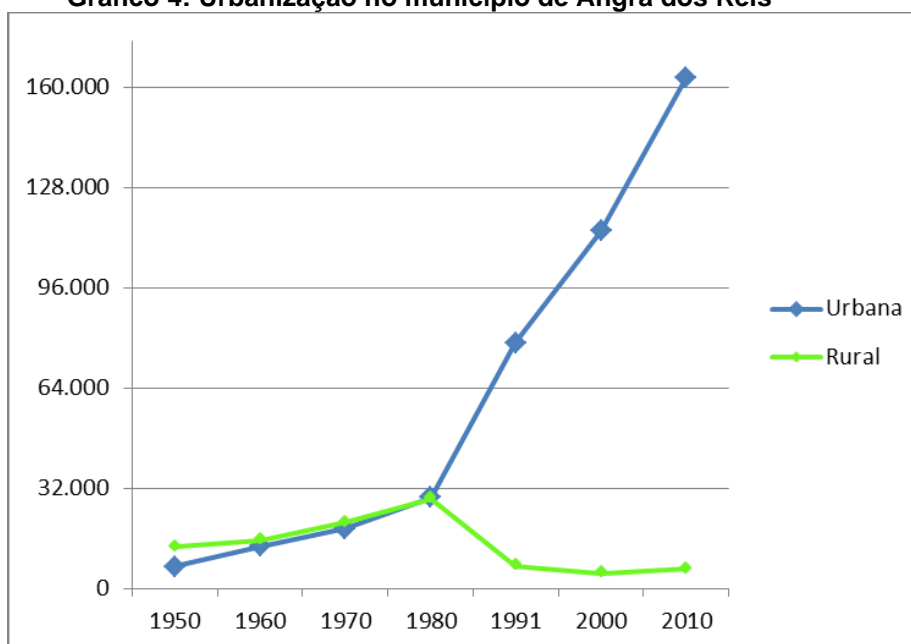
Gráfico 3: Aumento populacional



Fonte: IBGE, 2010

Dessa forma, o aumento populacional transformou a distribuição e o tipo de utilização do território do município que, anteriormente, era dividido em urbano e rural de maneira equivalente, atualmente pode ser observado como expressivamente urbano, como pode ser observado no gráfico 4:

Gráfico 4: Urbanização no município de Angra dos Reis



Fonte: IBGE, 2010

O aumento da população e a crise que se abateu sobre o Brasil em 2014, também atingiu a cidade de Angra dos Reis, diminuindo os empregos no estaleiro e usinas, ao mesmo tempo que tem aumentado o número de pessoas trabalhando no setor terciário e no setor informal, com baixos salários e condições precárias de trabalho. Todas essas questões têm proporcionado um aumento do desemprego na cidade, piorando o contexto de segregação socioespacial já existente, bem como os episódios de criminalidade urbana.

3. A EXPANSÃO DA ÁREA CENTRAL E A PRODUÇÃO DE ESPAÇOS SEGREGADOS

A estrutura geológica da localidade da área central inicial não deu perspectiva de crescimento para zonas periféricas com potencial de crescimento e desenvolvimento. A área de planície estava bastante limitada, comportada quase que por inteiro entre os morros e o mar, o que, mais tarde, se desdobraria num processo de ocupação das áreas dos morros que circundam o centro. Esse fator pode ser observado nas figuras 14, 15, 16 e 17.

Na Figura a seguir podemos ver que na década de 20, a Ilha do Barro ainda está presente na paisagem, posteriormente a ilha seria desmontada fornecendo material para o aterro do Porto.

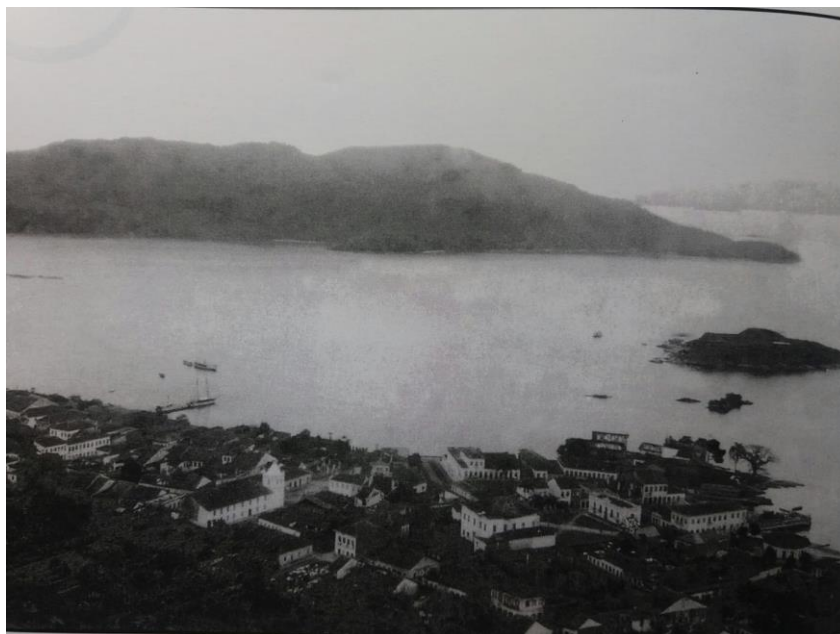


Figura 14: Vista panorâmica a partir do Morro do Bullé

Fonte: Fonte e autor desconhecidos

<https://www.facebook.com/groups/simplesmenteangra> acessado em 18/07 2021

Nas imagens a seguir podemos observar o traçado da ferrovia que tinha acesso a beira mar para o transbordo, e o Moinho Mineiro, que fazia a estocagem de grãos, demolido

em 2011 no processo de integração e expansão com a empresa Technip. Atualmente, no ano de 2021, quem administra o TPAR é o grupo investidor Splenda Offshore que tem como objetivo transformar o porto em uma base de apoio logístico para as atividades do pré-sal.



Figura 15: Vista panorâmica do Centro de Angra dos Reis a partir do antigo Morro do Bullé, sem a Ilha do Barro.

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis
Extraído de Abreu (2005, p.36)



Figura 16: Porto de Angra dos Reis

Fonte: Revista Portuária Economia e Negócios, 2008

<http://www.revistaportuaria.com.br/noticia/1354>, acessado em 18/07/2021



Figura 17: Porto de Angra dos Reis com a atual estrutura do TPAR sob a administração da investidora Splenda

Fonte: Revista Portos e Navios, 2020

<https://www.portosenavios.com.br/noticias/portos-e-logistica/splenda-offshore-assume-a-administracao-do-porto-de-angra-dos-reis>, acessado em 18/07/2021

A atividade portuária foi a primeira a se assumir uma função de centralidade no caso de Angra dos Reis, pois trazia para o mesmo ponto as produções agrícolas da região e mais tarde a última parada terrestre no transporte de minérios valiosos. Logo depois, houve a abertura de pequenos empórios comerciais para o consumo da população, assim como a centralização do comércio de pescados que se concentrava na área do famoso prédio do Mercado do Peixe. Dado alguns exemplos de atividades do início da fase urbana do município, é possível termos um parâmetro para considerar o início do processo mencionado por Corrêa (1989)

“Assim o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas refletindo a complexa estrutura social em classes; a cidade medieval por sua vez, apresentava uma organização social influenciada pelas guildas as corporações dos diversos artesãos. Mas o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas nas forças espaciais do presente”. (CORRÊA, 1989, p.8)

Já no recorte Latino Americano Colonial, Corrêa (1989) estrutura um modelo de predominância centro-periferia, onde no centro estabelecia o Clero e suas edificações, bem como os poderes militares e os prédios da administração. Porém, com a independência das colônias, os membros das elites e classe média burguesa passaram a procurar por áreas

mais periféricas ao centro, na busca por amenidades, e isso como vamos perceber no decorrer do trabalho também acontece em Angra dos Reis de certo modo, apesar do Centro principal alocar também uma população de classe média. Roberto Lobato Corrêa (1989) também escreve sobre os agentes que produzem constantemente o espaço urbano e suas ações processuais diante de cada interesse individual. A descrição desses agentes se torna interessante para esse projeto já que todos estão bastante presentes na produção do espaço de Angra dos Reis.

Para o autor, temos 5 agentes principais que produzem o espaço urbano:

1) Os proprietários dos meios de produção (grandes industriais), que são grandes consumidores de espaço necessitando de terrenos baratos que tenha boa localização para melhor satisfazer a logística da produção. Porém o poder de compra de grandes capitais traz conflito de interesses entre latifundiários pelo dinamismo da captação de terras.

2) Os proprietários fundiários quando se interessam no uso da terra procuram a forma mais remuneratória, comercial ou residencial. Porém o maior interesse é no valor de troca e não no valor de uso da terra. Estão sempre ligados às pressões junto ao poder público de urbanização de áreas rurais refletindo na expansão da cidade valorizando seus domínios.

3) Os promotores imobiliários são atores que realizam ações de projetos, localização, qualidade, propaganda dos imóveis a serem construídos. Capitalizam recursos financeiros para aquisição do terreno e construção. Certificam-se tecnicamente a viabilidade do projeto. Contratação de firmas empreiteiras para a etapa física do projeto. E a etapa final de venda com o valor acrescido dos investimentos.

4) O Estado que atua de maneira variável tanto no tempo como no espaço. Em específico em uma sociedade capitalista pode-se dizer que o Estado assume o papel de diversos agentes produtores do espaço.

“O Estado está organizando diretamente o espaço urbano, ao mesmo tempo, que interfere, dada a natureza da atividade industrial, no uso da terra das áreas próximas. As terras públicas são uma reserva fundiária que o estado dispõe para usos diversos no futuro, inclusive para negociações com outros agentes sociais [...] o Estado torna-se promotor imobiliário.” (CORRÊA, 1989, p.24)

5) Os grupos sociais excluídos, que por conta da má distribuição de renda têm o acesso restrito a moradia, como também uma grande parte não possui condições de pagar um aluguel. Assim tendo de ocupar cortiços subdivididos e insalubres que outrora fora a residência de ricos no centro da cidade, conjuntos habitacionais distantes em loteamentos periféricos distantes do centro e nas primeiras fases de urbanização as encostas dos morros que circundavam os centros as favelas.

Segundo o autor, outros atores sociais e econômicos também fazem parte da produção da cidade, podendo estar incluídos em subgrupos nesses descritos pelo autor, como a Igreja, os bancos, os fundos de pensão etc. Dentro do grupo dos excluídos o autor levanta a questão dos traficantes de drogas, que, por exemplo, territorializam um espaço, influenciando enormemente na organização e produção do mesmo, mesmo que de forma ilegal, fato que também ocorre em Angra dos Reis.

Segundo Rita de Cássia Santos de Souza (2020), muitos conflitos foram travados com os moradores locais – ex-escravos, caiçaras e pescadores, já que posseiros, grileiros e empreiteiras passaram a ocupar os espaços que estavam sendo ocupados por essas pessoas, e, devido à falta de escritura da terra, acabaram perdendo ou vendendo a preços irrisórios. Conflitos, lutas e movimentos sociais foram travados, e, em algumas concessões, foram alcançadas, como é o caso do Quilombo de Santa Rita, no Bracuí. Porém, as empreiteiras ficaram com as melhores terras e, apoiadas muitas vezes pelo Estado, acabaram por construir condomínios fechados, hotéis e resorts em boa parte da orla de Angra dos Reis.

Dessa forma, podemos dizer que o Estado foi um grande agente produtor desse espaço, bem como os agentes econômicos, como as indústrias e as empresas prestadoras de serviços, assim como àquelas relacionadas ao mercado imobiliário. O grupo dos excluídos também tem produzido o espaço da maior parte da cidade, pois a maioria desses indivíduos locais, ou migrantes, que vivem de forma precária na cidade, economicamente e socialmente. Assim, devemos salientar que esses agentes geram contrastes nas manifestações urbanísticas da cidade, o que pode ser observado através da morfologia urbana do município.

Um ponto importante a se destacar é o fato de o centro da cidade ter se fragmentado em relação ao que era e ao que é atualmente, pois, o núcleo urbano central se ampliou em direção aos morros e se desenvolveu com maior dinamismo após os aterros, por conta do Porto.

A partir do período do café, grandes armazéns foram aparecendo no centro da cidade. O fluxo produtivo era tão intenso que estimulou famílias a alugarem a parte térrea de seus sobrados para alocação dos grãos, que seriam escoados pelo porto. O novo ritmo acumulador financeiro fez com que o poder público incentivasse e patrocinasse a demolição do casario colonial antigo. Porém, tais mudanças, foram introduzidas apenas no âmbito do centro, não sendo levado a áreas rurais que, na época, produziam basicamente banana e

pescados. As relações entre a estrutura fundiária e a sociedade se mantiveram inalteradas (ABREU, 2005).

Esse processo de demolição, seguido pelos aterros do Porto, foram os eventos que mais transformaram as feições arquitetônicas e paisagísticas do centro, restando poucos remanescentes dos imóveis tradicionais, como podemos ver nas comparações presentes nas figuras a seguir (Figuras 18 a 33).

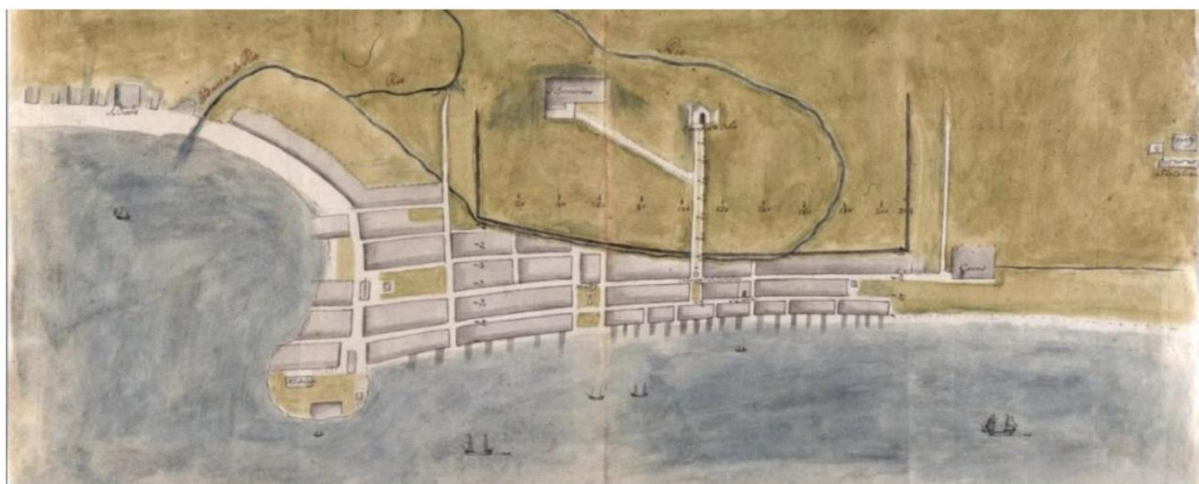


Figura 18: Angra dos Reis no século XVIII

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal, ano desconhecido
Imagem extraída de Nascimento, 2016

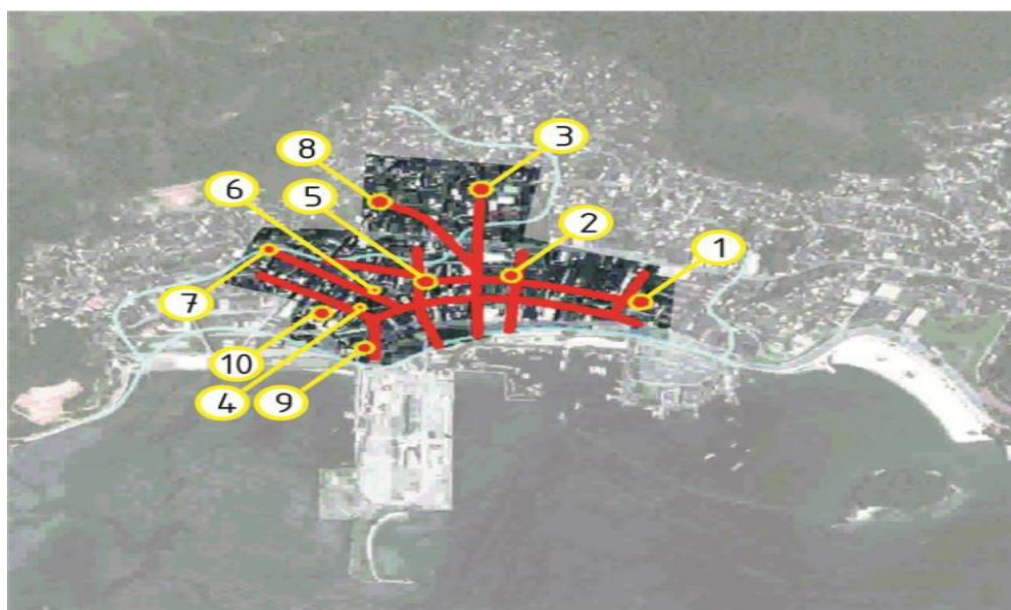


Figura 19: Implantação do núcleo urbano original da cidade

demarcadas as edificações de importância e os primeiros caminhos
Fonte: Imagem extraída de Nascimento, 2016

Na imagem acima é possível observar a implantação do núcleo urbano original da cidade, demarcadas as edificações importantes e os primeiros caminhos: 1 Convento do Carmo; 2 Igreja de Santa Luzia; 3 antigo Convento da Ordem Franciscana; 4 Casa de Câmara e Cadeia; 5 Igreja Matriz; 6 Sede da Prefeitura; 7 Chafariz da Carioca; 8 Convento de São Bernardino de Sena; 9 Igreja da Lapa; 10 Mercado de Peixe.



Figura 20: Centro de Angra dos Reis

Fonte: Imagem extraída de Nascimento, 2016

Na Figura 20, podemos ver em vermelho o Centro Antigo; em roxo o aterro e a área portuária; em amarelo os morros, e em verde a área da praia do Anil, antigo pátio de manobras da ferrovia e antiga vila de operários da ferrovia.

Nas figuras que seguem, podemos observar a mudança na paisagem urbana, onde antes na década de 1920 era uma via de terra batida hoje se encontra a Rua Dr. Coutinho calçada, asfaltada e eletrificada ao lado, esquerdo onde antes existia uma praia hoje existe um aterro que é de posse da Companhia Docas do Rio de Janeiro, porém sua utilidade pública é de estacionamento, uma saída para poucas vagas existentes nas ruas estreitas do centro. O vasto terreno é chamado de Aterro do Carmo por se encontrar em frente ao convento. Ao fundo temos um casario antigo de dois andares que resistiu a depredação apoiada pelo Estado. Atualmente o casarão tem função comercial, abrigando várias lojas nas divisórias das suas inúmeras portas.



Figura 21: Casarão, Largo e Convento do Carmo

Fonte: Ateneu Angrense de Artes e Letras, data provável: 1922

<https://www.facebook.com/groups/simplesmenteangra> , acessado em 18/07/2021



Figura 22: Rua Dr. Coutinho, a esquerda o Aterro do Carmo

Ao fundo posto de gasolina seguido do casario colonial resistente às transformações urbanas

Fonte: Acervo pessoal Autor: Nítalo Talarico, 2017

Nas imagens 23 e 24 é possível observar as diferenças urbanas entre a década 1940 e os dias de hoje no cruzamento da Avenida Raul Pompéia e a Rua do Comércio. A direita temos um casario colonial preservado onde hoje funciona a casa de cultura do município, ao lado esquerdo podemos observar uma completa descaracterização da feição urbana original, onde na retirada de construções tradicionais como sobrados e de aparência residencial são inseridos prédios de vários andares de cunho comercial. Ao fundo já não se encontram mais as grandes palmeiras que dão nome a rua até hoje. E o atual Morro da Caixa D'água também ao fundo antes praticamente intocado hoje totalmente antropizado.

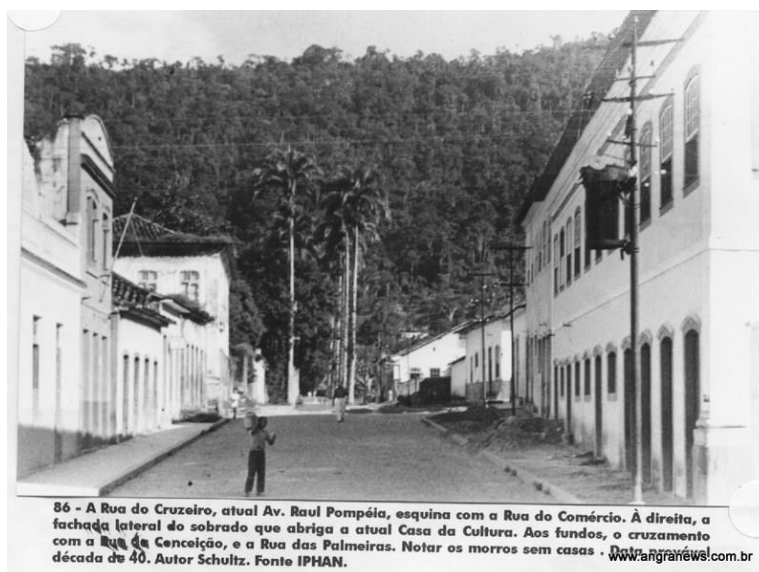


Figura 23: Rua do Cruzeiro, atual Av. Raul Pompéia

Fonte: IPHAN, data provável: década de 40

<https://www.facebook.com/groups/simplesmenteangra>, acessado em 18/07/2021



Figura 24: Cruzamento da Avenida Raul Pompéia e a Rua do Comércio

Fonte: Acervo pessoal Autor: Nítalo Talarico, 2017

Podemos observar nas figuras 25, 26 e 27 o ganho de terreno urbano que os aterros das obras do Porto proporcionaram. Na primeira foto antiga, provavelmente do início do século XX, temos como figura central o prédio que é historicamente conhecido como Mercado do Peixe ou Mercado Redondo, que, antigamente, recebia os pescados diretamente do mar antes do aterro do São Bento.

Ao lado esquerdo hoje existem bares e restaurantes com uma fachada construída pelo poder público, na tentativa de representação da arquitetura antiga. Ao lado direito, como na segunda foto antiga, vemos um casario conhecido como Casa Laranjeiras (sobrenome

dos antigos proprietários) onde no térreo funcionava um empório (comércio onde se vendia de tudo) e o segundo andar era residencial. Atualmente a Casa Laranjeiras é um espaço cultural que abriga o Ateneu de letras e artes, exposições rotativas, e o último lar do Coral da cidade de Angra dos Reis, extinguido pelo poder público em 2014. Na segunda foto antiga acima do lado esquerdo percebe-se uma tímida antropização no atual Morro da Carioca.



Figura 25: Mercado do Peixe ou Redondo

Fonte: Fonte e autor desconhecidos

<https://www.facebook.com/groups/simplesmenteangra> acessado em 18/07 2021



Figura 26: Casa Laranjeira

Fonte: IPHAN, data provável: década de 40



Figura 27: Praça Zumbi dos Palmares

Fonte: Fonte: Acervo pessoal Autor: Nítalo Talarico, 2017

Nas imagens a seguir testemunhamos a mudança radical na Travessa Santa Luzia a partir da Rua do Comércio dos anos de 1940 aos dias de hoje. Na fotografia de Schultz vemos construções de estilo colonial que deram lugar a grandes prédios comerciais. O logradouro tem o apelido de Beco da Cirrose, uma alusão a concentração de bares que lá existiam e muito frequentado pelos trabalhadores da Verolme nos tempos áureos do estaleiro.



Figura 28: Travessa Santa Luzia

Fonte: IPHAN, data provável: década de 40



Figura 29: Travessa Santa Luzia atualmente
 Fonte: Acervo pessoal / Autor: Nítalo Talarico, 2017

No Largo da Matriz (Igreja de Nossa Senhora da Conceição), do final da década de 1920 ao século XXI vemos o estrangulamento espacial na corrida de obtenção de terreno. Imóveis altos de finalidade comercial disputam protagonismo paisagístico com o prédio histórico. Por exemplo ao fundo da foto antiga do lado direito ainda se vê as antigas palmeiras da Rua das Palmeiras, que mesmo se hoje existissem não poderiam ser vistas nessa perspectiva pois o antigo prédio da Telerj atual Oi estaria na sua frente. Também podemos observar ao fundo do lado esquerdo o convento São Bernardino de Senna.



Figura 30: Igreja Matriz
 Fonte: IHGB, 1929



Figura 31: Igreja Matriz atualmente
 Fonte: Acervo pessoal / Autor: Nítalo Talarico 2021

Na região da Rua Coronel Carvalho com vista para os Morros (da esquerda para direita) da Carioca, Santo Antônio e Caixa d'água. A imagem antiga não tem registro de data, porém exemplifica categoricamente a tomada das encostas do centro.



Figura 32: Entorno do Convento São Bernardino de Sena
 Fonte: Acervo pessoal Adriano Reis de Carvalho, ano desconhecido



Figura 33: Entorno Convento São Bernardino de Sena atualmente
 Fonte: Arquivo pessoal / Autor: Nítalo Talarico, 2017

Deve-se considerar que a fragmentação da cidade também se dá por conta do terreno natural acidentado e talhado de morros e vales, o que possibilita aos bairros fora do recorte do estudo características singulares da sua geografia natural, tornando de mesma forma singular sua ocupação. Segundo Besse (2006),

“A paisagem, numa dupla introdução sensível que escapa às cadeias discursivas do entendimento, organiza num instante o reencontro patético da totalidade. Ela é a coincidência do universal e do particular, onde, sob o modo do afeto, se realiza o poder do conhecimento absoluto. A paisagem particular que se abre ao olhar deixa ver simultaneamente ao todo: apreensão brusca da plenitude através do efêmero. Ela é símbolo, em íntima ressonância com o golpe de vista diante do qual ela se revela: “o verdadeiro símbolo é aquele em que o particular representa o universal, não como ilusão ou imagem, mas como revelação viva e instantânea do inexplorável.”” (BESSE, 2006, p. 58).

Como por exemplo em comparação, o bairro Grande Japuíba em relação ao Centro. A região da Grande Japuíba, (chamada assim pela grande concentração de bairros) mesmo com grandes porções de terrenos alagadiços como foz de inúmeros cursos d’água pântanos e mangues, teve a possibilidade de crescimento horizontal devido a sua grande área plana que se destacando da característica predominante da região.

O bairro é cortado pela Rodovia Rio Santos o que facilita o fluxo comercial e também foi construído fora da área de traçado urbano colonial que geralmente tem ruas mais estreitas. A Grande Japuíba tem em sua malha urbana inúmeros comércios como: lotéricas, restaurantes, bares, lanchonetes, grandes lojas de material de construção assim como aluguel de maquinário pesado e leve, auto escolas, academias, cursos de idiomas, creches e escolas particulares, revendedoras madeireiras, grandes supermercados e mercearias, concessionárias de carro e moto, etc. O bairro também conta com muitas escolas públicas, o aeroporto municipal, bancos, centro de distribuição dos correios e o hospital municipal que

atende além da própria cidade a região entre Rio Claro, Paraty e Mangaratiba, sendo que para acessar o centro da cidade de Angra se faz necessário sair da rota da rodovia. Arriscamos dizer que a Japuíba é um subcentro de Angra dos Reis, conforme analisado por Corrêa (1989) a partir da expansão das atividades econômicas das áreas centrais para bairros mais distantes do chamado pelo autor de Núcleo Central de Negócios. Veja Figura 34:

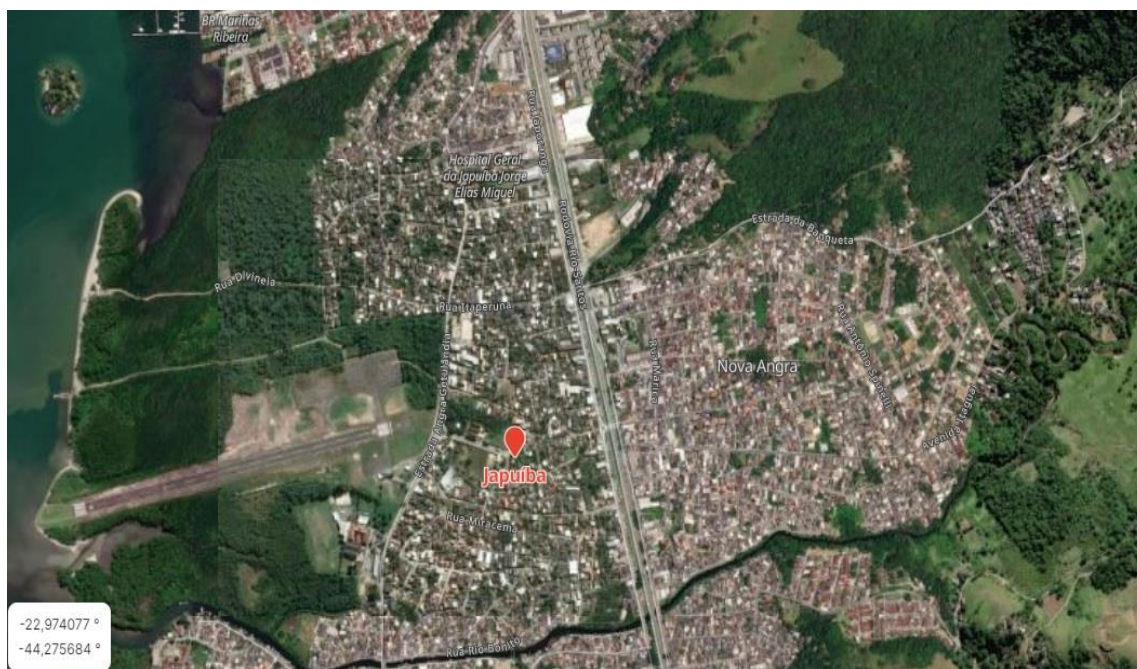


Figura 34: Japuíba dividida pela Rodovia Rio Santos

Fonte: Imagem retirada do Google Earth, 2021

Trata-se então, da consolidação e modernização capitalista no âmbito local. Gerando uma massa construtiva ‘falsa’, descaracterizando a imagem e paisagem local, de acordo com as necessidades capitais, ignorando os resultados futuros óbvios desse crescimento desordenado, produziu uma cidade sem infraestrutura e qualidade arquitetônica, perdendo assim representatividade e identidade o que Abreu (2005) identifica como uma malha urbana homogênea. Isso é um exemplo que muitas cidades médias também vêm se tornando multicêntricas, com novas centralidades além do centro comercial e histórico (SPOSITO, 2013).

Compreendemos essa perda de identidade no processo de desenvolvimento, a partir da questão da destruição das suas feições históricas. Angra dos Reis, foi uma das primeiras cidades do país que pouco preservou de patrimônio histórico, ou arquitetura colonial, que se encontrava principalmente da área central, que está voltada para o setor de serviços e comércio. Logo, a população migrante que, na maioria das vezes temporariamente foi

contemplada temporariamente pelos grandes empreendimentos, se aglomerou na área central em busca de trabalho, já que outros pontos da cidade (como a Grande Japuíba) só se desenvolveram a partir da implantação dos empreendimentos de modernização da cidade (MACHADO, 1995).

Nesse sentido, a partir da ampliação do comércio, se fez possível observar o deslocamento dos trabalhadores e a divisão das classes sociais no que diz respeito às condições e localidades das moradias. No entorno do centro comercial e histórico de Angra dos Reis, como pudemos observar nas figuras anteriores, é possível notar o crescimento das moradias irregulares ao longo das décadas, assim como o crescimento da Grande Japuíba a partir da implementação de empreendimentos de modernização da cidade, como visto no parágrafo anterior. Esses eventos de deslocamento e divisão das localidades a partir da condição econômica parece imitar os processos que ocorreram um século antes na Europa, como pode ser compreendido a partir de Lefebvre (1972):

“A burguesia dessa Inglaterra imperialmente democrática conseguiu uma obra-prima: esconder a si própria o espetáculo da miséria que a ofuscaria, dissimulando ao mesmo tempo a exploração e seus efeitos. “Os bairros pobres operários, tanto por acordo inconsciente e confessado, estão rigorosamente separados das zonas da cidade reservada à classe média” (p. 19) As habitações dos trabalhadores são em geral mal agrupadas, mal conservadas, arejadas, húmidas e insalubres. “Os moradores encontram-se encerrados num espaço mínimo”, e na maioria dos casos uma família inteira mora numa única divisão. O arranjo interior é miserável, chegando-se pouco a pouco à total ausência de móveis indispensáveis.” (apud MELARA, 2016, p.72)

Dessa forma, Lefebvre exemplifica a confusa e simultânea ascensão do sistema capitalista (causa) junto das suas próprias mazelas socioeconômicas, onde já na sua gênese operava o segregacionismo do corpo físico urbano da cidade na primeira revolução industrial. Essa estrutura e mentalidade segregacionista é exportada para o mundo todo por ser uma das consequências do processo de implantação e manutenção das castas capitalistas. No Brasil a favela se desenvolve nos mesmos moldes, além das características particulares das geografias locais, o que está compreendido no espaço favela foi reproduzido pela mesma lógica capitalista replicada exaustivamente em inúmeros territórios.

“É na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se efetivamente agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria das vezes independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção desse espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade.” (CORRÊA, 1989, p.30)

Em Angra do Reis, tais espaços produzidos pelos “grupos do excluídos” produziu a cidade com muitos bairros periféricos, mas especialmente produziu a expansão da área central em direção aos morros próximos. Não podemos homogeneizar tal grupo, pois sabemos que há pessoas moradoras desses locais originárias dos primeiros conflitos de terras ocorridos em Angra dos Reis, bem como migrantes que foram chegando conforme as oportunidades dadas pelos grandes investimentos estatais e privados, promovidos pelos grupos dos proprietários fundiários (fazendeiros, posseiros, grileiros, empreiteiras), pelas grandes empresas, pelos incorporadores imobiliários e pelo Estado.

Assim, segundo o IBGE, a produção de aglomerados subnormais em Angra do Reis foi se multiplicando conforme o processo de urbanização avançava com pouco planejamento por parte do Estado, que privilegiou o setor econômico e as moradias da elite angrense, ou mesmo da “segunda, terceira, quarta residência” das elites do Brasil⁹.

A partir da definição presente no site do IBGE, Aglomerado Subnormal é:

“[...]uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros. Enquanto referência básica para o conhecimento da condição de vida da população brasileira em todos os municípios e nos recortes territoriais intramunicipais – distritos, subdistritos, bairros e localidades –, o Censo Demográfico aprimora a identificação dos aglomerados subnormais. Assim, permite mapear a sua distribuição no País e nas cidades e identificar como se caracterizam os serviços de abastecimento de água, coleta de esgoto, coleta de lixo e fornecimento de energia elétrica nestas áreas, oferecendo à sociedade um quadro nacional atualizado sobre esta parte das cidades que demandam políticas públicas especiais.” (IBGE, 2021)¹⁰

Na Figura 35, podemos observar em Angra dos Reis, através dos dados do IBGE a localização dos “aglomerados subnormais”:

⁹Ainda estamos investigando a procedência dos proprietários de imóveis nos condomínios fechados. Mas sabemos que não são apenas moradores de Angra do Reis, existem “ricos” do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e outras partes do Brasil.

¹⁰ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e> Acessado em: 15/07/2021

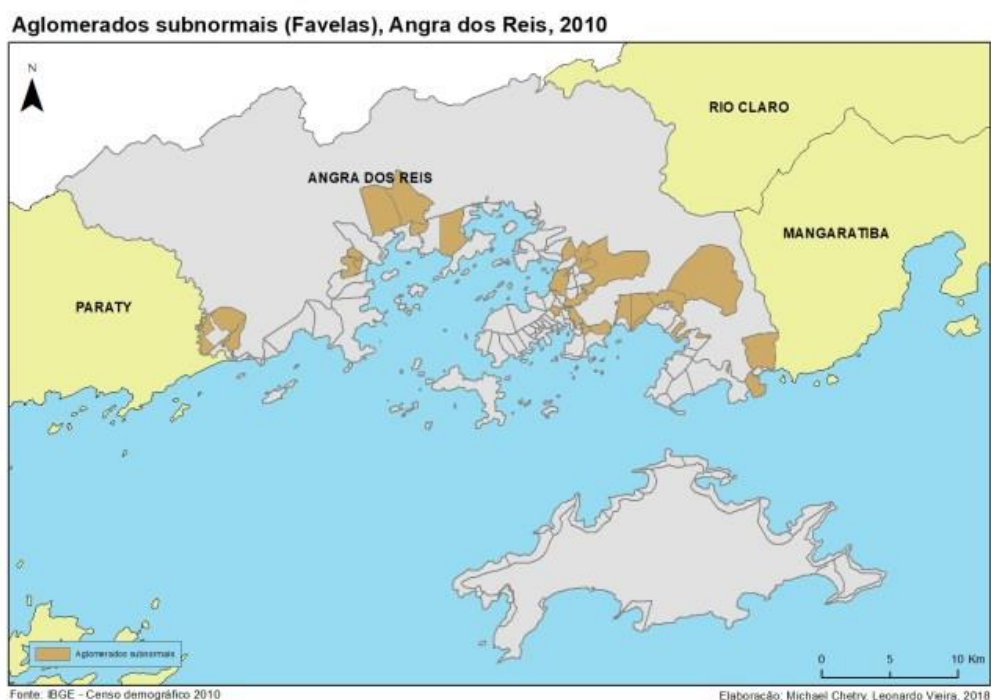


Figura 35: Mapa dos aglomerados subnormais de Angra dos Reis
 Fonte: Site GEBIG (Chetry e Vieira, 2019); IBGE, 2010

Novas construções são feitas, sem fiscalização, sem estrutura urbana adequada, com difícil acesso a algumas áreas, esgoto deficiente (tanto na captação quanto no tratamento) dentre outras condições negativas ligadas a ausência do Estado. Segundo Corrêa (2012), as encostas ocupadas na área do centro de Angra dos Reis não são denominadas favelas, mas sim “carinhosamente” chamados de Morros. Como: Morro do Abel, Morro do Bulé, Morro da Carioca, Morro do Santo Antônio, Morro da Caixa D’água, Morro do Carmo, Morro do Tatu, Morro da Fortaleza e Morro do Perez que são os que estão contidos no recorte geográfico desse trabalho. Na figura 36 podemos observar a localização desses morros, identificados em amarelo:

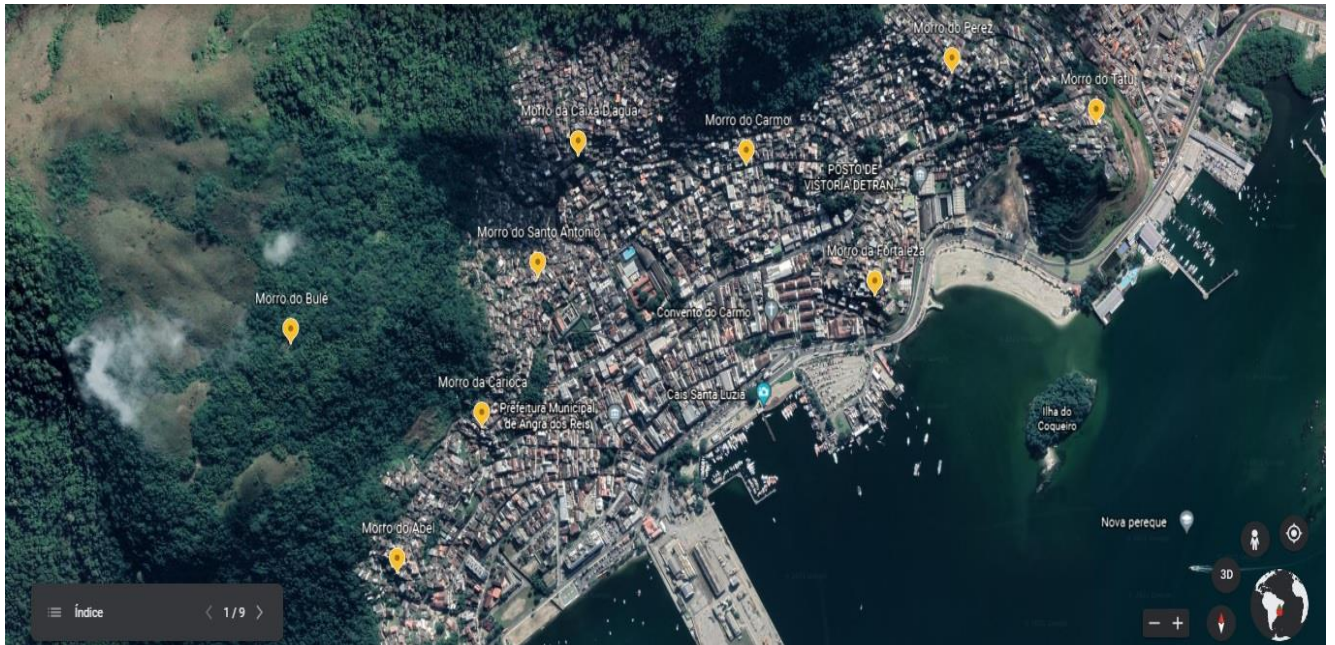


Figura 36: Localização Morros da Região Central
 Fonte: Google Earth, 2021

Nas figuras 37 e 38 podemos ver os morros “subindo” as encostas, demonstrando as áreas de difícil acesso:

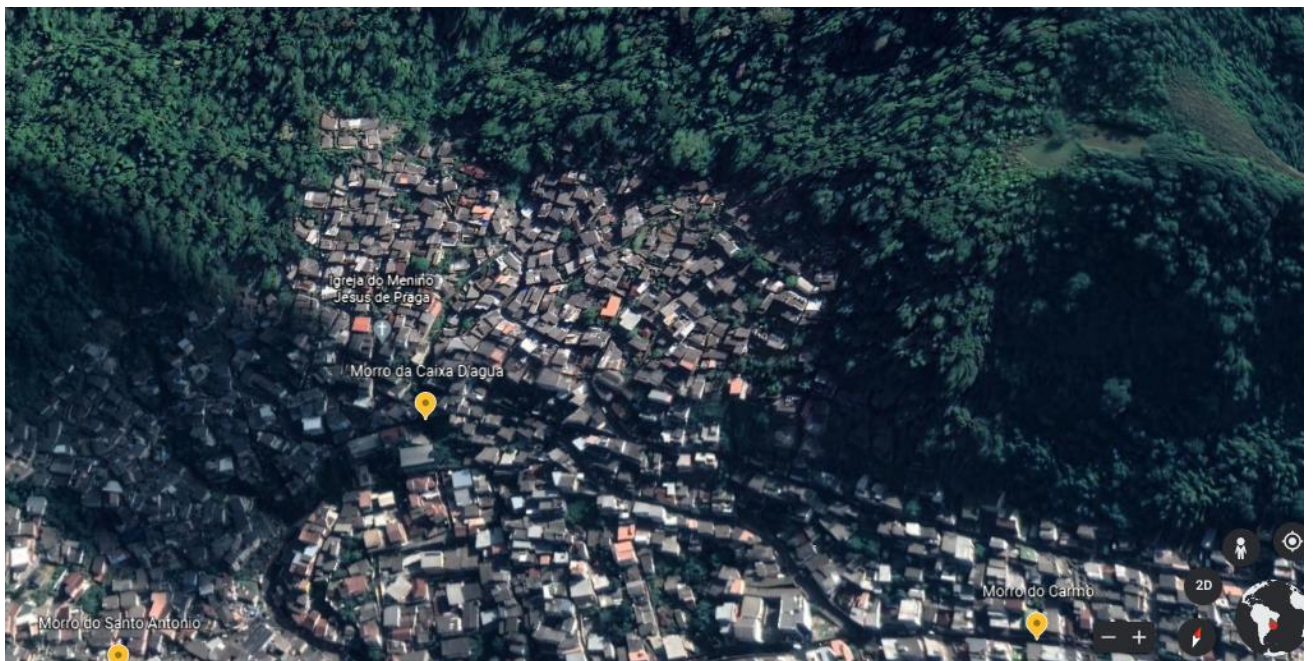


Figura 37: Morro da Caixa D'água
 Fonte: Google Earth, 2021

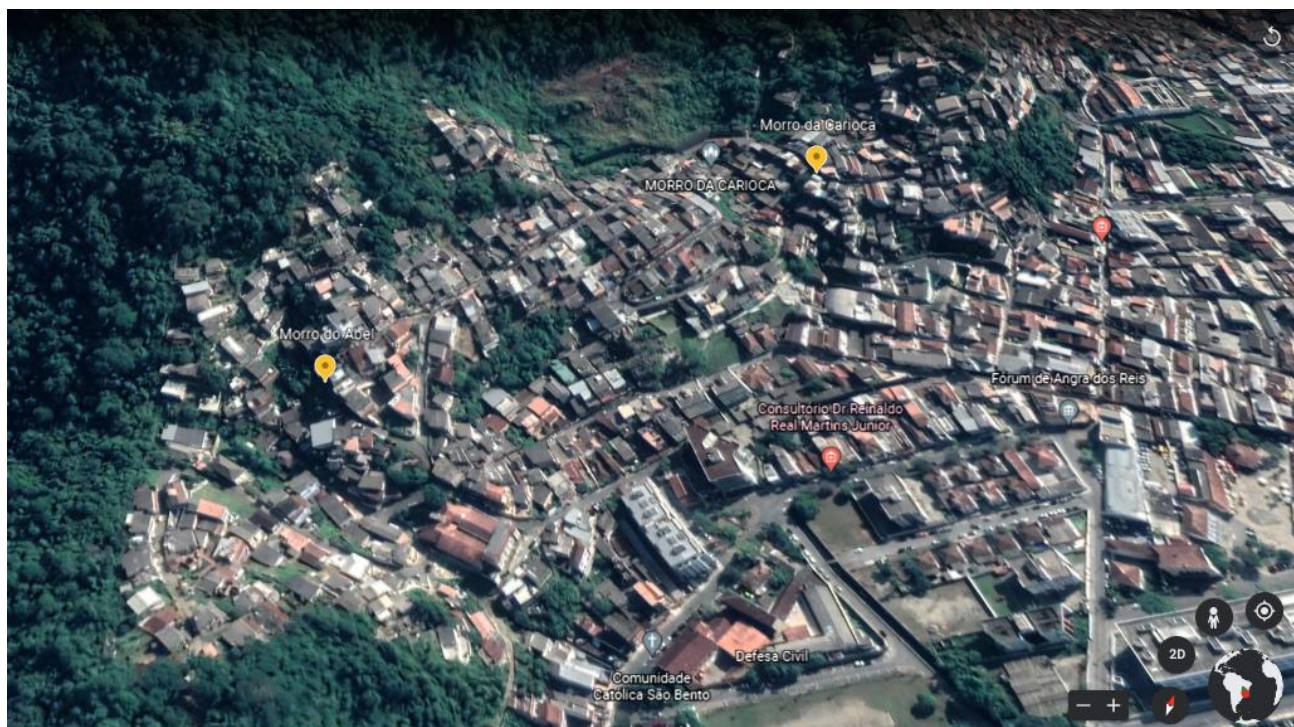


Figura 38: Morro do Abel e Morro da Carioca

Fonte: Google Earth, 2021

As favelas, algumas vezes romantizadas e camufladas como lugar de gente humilde, trabalhadora e feliz, também mostra a face mais cruel do capital refletida nas condições de moradia por conta da invisibilidade social daqueles que vão à procura de seus terrenos íngremes e fora do radar de interesse dos proprietários fundiários, dos proprietários dos meios de produção do setor industrial ou de serviços. O desinteresse econômico por essas áreas por parte dos atores que formam e corroboram com o aparelho estatal em conjunto com as características sociais das populações que formam as favelas criam uma estrutura segregada com problemas sociais e de infraestrutura urbana.

O autor Camil Capaz (2006) desvenda os mistérios sobre as ocupações dos morros do centro da cidade de Angra trazendo sua raiz, o parcelamento de terrenos pela igreja católica e suas irmandades. Em uma época em que era praticamente impossível separar religião de Estado, a igreja e seu processo de catequese dos nativos brasileiros se tornaram um instrumento de coesão social. Os nativos que sucumbiam a religião cristã eram apaziguados (como já citado nesses trabalhos nativos da região da Costa Verde eram ferozes guerreiros que dificilmente eram subjugados). Essa ferramenta apaziguadora era de suma importância aos Impérios Ibéricos, dadas as longínquas distâncias MetrÓpole x Colônia. Ou seja, a Igreja Católica, além de afirmar a ligação divina dos monarcas, também desempenhava um papel político primordial no desenvolvimento do pensamento hegemônico sobre os colonos e os nativos.

A Ordem Terceira do Carmo tem papel central na temática de ocupação, os religiosos se fixaram em 1593 em um terreno que até os dias de hoje tem sua sede no imponente prédio do convento. Terreno esse doado por Custódia Moreira, esposa de Antônio Oliveira Gago um dos percussores de Angra dos Reis (muitos donos de sesmarias abandonavam suas terras por falta de perspectiva de desenvolvimento como por exemplo Simão Machado morador de Santos que nunca residiu na região). Os beneditinos chegaram em 1598. A ordem dos Carmelitas foi a mais eficiente em conservar e ampliar seu patrimônio se desfazendo de seus bens aos poucos, demonstrando uma sobrevivência aos tempos de crise.

O maior problema da Igreja Católica se deu com a proclamação da República. O fim do Império reduziu drasticamente seus subsídios e prestígio político fazendo as Irmandades, como os Carmelitas e Franciscanos, se alienarem de partes de suas propriedades, em sua grande maioria localizadas nas encostas em torno da planície do centro.

“O núcleo urbano se reestrutura, especialmente a partir da incorporação de novas terras à área urbana com o parcelamento de glebas pertencentes à Igreja, dando início à ocupação das encostas periféricas ao núcleo urbano original” (cf. ANGRA DOS REIS, 2000 apud ABREU, 2005, p. 35)

Machado (1995) ainda acrescenta:

“Uma das lendas correntes sobre a evolução recente de Angra dos Reis é a de que a explosão populacional do município coincidiu com os governos militares. Na verdade, a população residente praticamente dobrou entre 1950 e 1970, portanto, antes da transformação do município em área de Segurança Nacional em 1969”. (MACHADO, 1995, p.18).

As afirmações dos autores acima revelam uma concepção mitológica da parte da sociedade a respeito da formação e ocupação urbanística do município. Nas resenhas populares é muito comum se escutar que a ocupação dos morros se deu após o início dos empreendimentos industriais como também dos investimentos Estatais turísticos, como o Projeto Turis. Nos anos de 1950 houve uma projeção de crescimento por conta do cultivo da banana e operações do Porto ligadas a Companhia Siderúrgica Nacional e esse parcelamento de glebas da Igreja foi intensificado, assim como o assédio de grileiros e posseiros.

Apesar da grande maioria dos espaços ocupados nos morros do centro terem sido concebidos por meio de posse e grilagem, no trabalho de conclusão de curso do Douglas de Almeida (2019) temos alguns exemplos de Contrato de compra e venda de um terreno

no Morro do Santo Antônio em 1961, o mesmo morro posteriormente foi considerado sem limites identificados de lotes pela Secretaria de Planejamento.

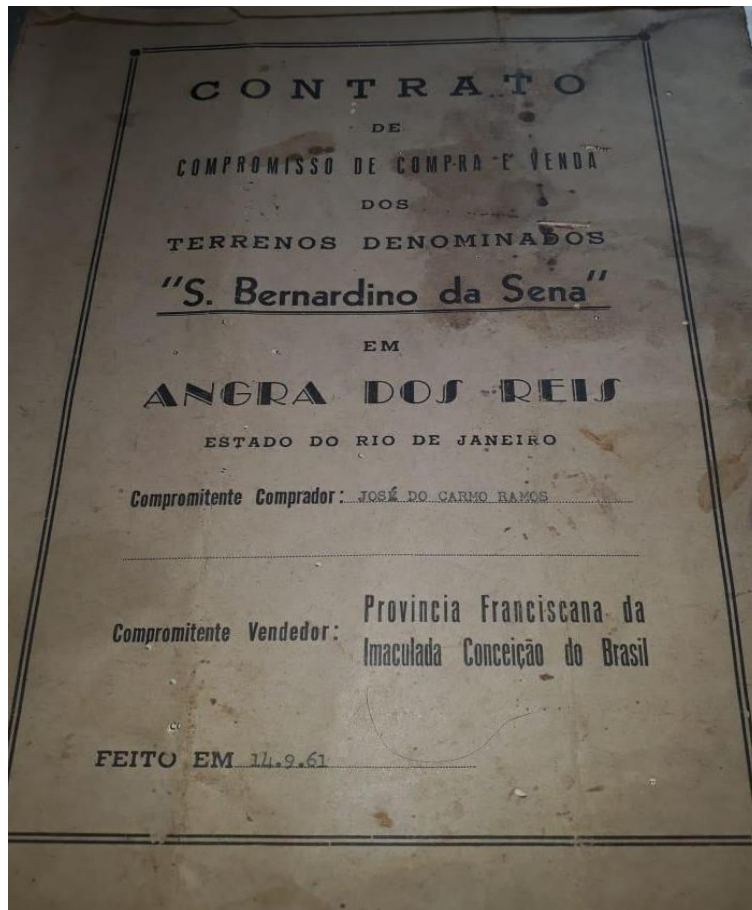


Figura 39: Contrato de compra e venda S. Bernardino de Sena
Fonte: Extraído de: Almeida, 2019

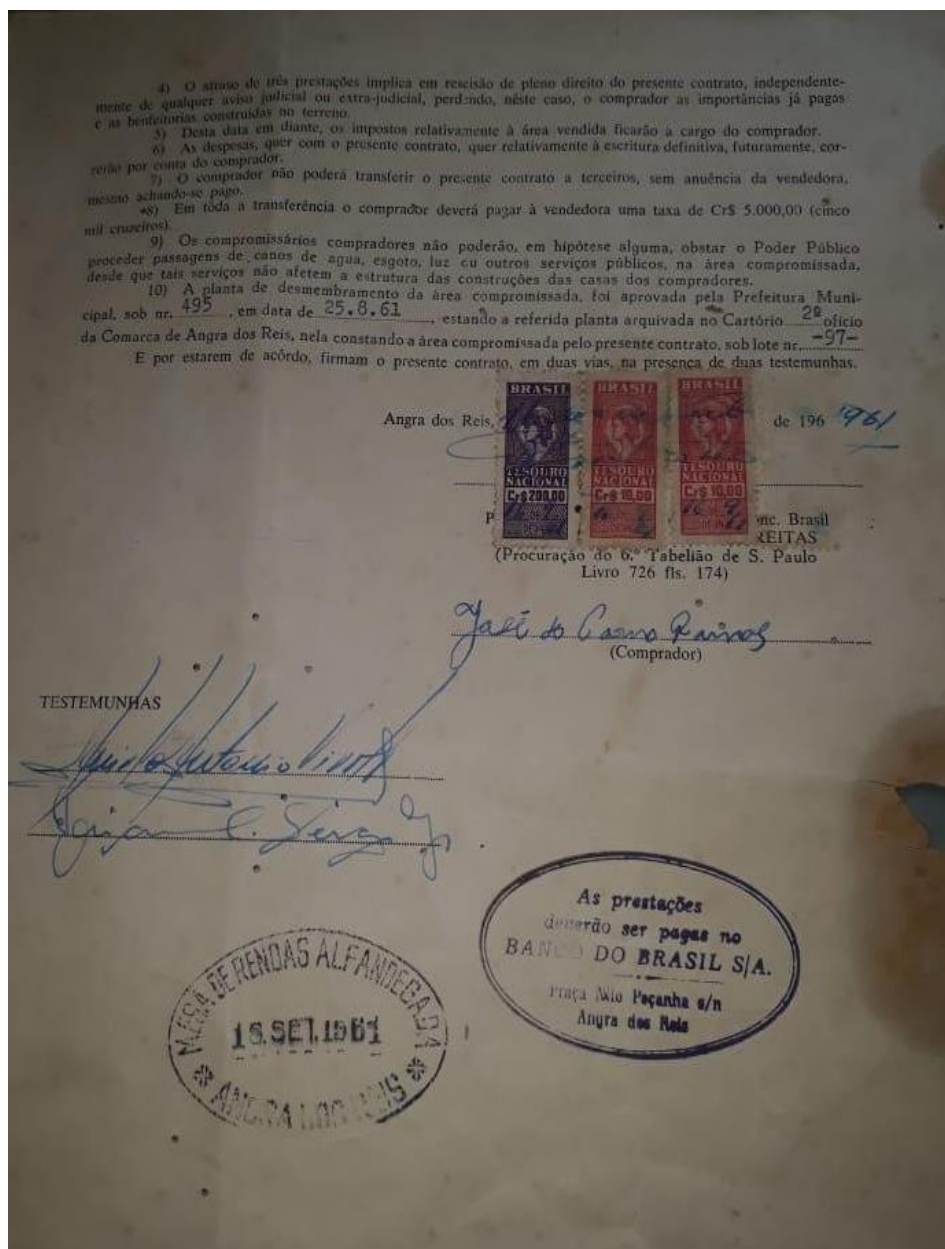


Figura 40: Contrato de compra e venda terreno no Morro do Santo Antônio
Fonte: Extraído de: Almeida, 2019

A seguir, teremos a Figura 41 representando imagens de recibos de pagamentos realizados nesse período. Essas imagens também foram retiradas do trabalho de conclusão de curso do Douglas de Almeida (2019).

RECIBO N.º 1.047

Vencimento: 30 de setembro de 1961

LOTE Nº 97 a importância

supra de Cr\$ 1.000,00 (Um mil cruzeiros) como pagamento da prestação, supra mencionada, referente à venda do lote de terreno, tirado de maior aérea das terras denominadas "SÃO BERNARDINO DA SENA", conforme compromisso de compra e venda assinado no dia 16 de setembro de 1961 entre as partes.

ANGRA DOS REIS, 16 DE setembro DE 1961

PP. WALFRIDO DE SOUSA FREITAS
6.º Tabelião de Notas de São Paulo - Livro 726 - fls. 174

RECIBO N.º 1.047

Vencimento: 28 de fevereiro de 1962

LOTE Nº 97 a importância

supra de Cr\$ -1.000,00- (Um mil cruzeiros) como pagamento da prestação, supra mencionada, referente à venda do lote de terreno, tirado de maior aérea das terras denominadas "SÃO BERNARDINO DA SENA", conforme compromisso de compra e venda assinado no dia 16 de setembro de 1961 entre as partes.

ANGRA DOS REIS, 6 DE novembro DE 1961

PP. WALFRIDO DE SOUSA FREITAS
6.º Tabelião de Notas de São Paulo - Livro 726 - fls. 174

RECIBO N.º 3038

Vencimento: 31 de janeiro de 1963

LOTE Nº 97 a importância

supra de Cr\$ -1.000,00- (Um mil cruzeiros) como pagamento da prestação, supra mencionada, referente à venda do lote de terreno, tirado de maior aérea das terras denominadas "SÃO BERNARDINO DA SENA", conforme compromisso de compra e venda assinado no dia 16/setembro/1.961 entre as partes.

ANGRA DOS REIS, DE DE 196

PP da Prov. Franciscana da Imac. Conc. Brasil
DR. WALFRIDO DE SOUSA FREITAS
(Procuração do 6.º Tabelião de São Paulo
Livro 726 fls. 174)

BANCO DO BRASIL S.A.
AP 4/3957
Angra dos Reis (RJ)

Figura 41: Recibos de pagamentos do terreno no Morro do Santo Antônio
Fonte: Extraído de: Almeida 2019

Após a retomada democrática nos anos 80, houve a ascensão de forças conservadoras da região, contrapondo os interventores militares dos anos anteriores, porém, mantendo o *modus operandi* da época militar. A população Angrense, agora diversificada, partiu para a luta organizada em pautas de terra (rural e urbana), ambientalismo, sindicalismo entre outros. Ou seja, a população passou a reclamar ao poder público os ônus causados pelos empreendimentos das décadas anteriores. Organizações populares como: Sociedade Angrense de Proteção Ecológica (SAPÊ), Conselho Municipal das Associações de Moradores (COMAM), Comissão Pastoral da Terra (CTP), Comunidades Eclesiais de Base, Centro Unificado de Cultura e Arte (CUCA), o Partido dos Trabalhadores (PT) e etc., foram responsáveis pela fomentação das discussões primordiais pós ditadura, algumas dessas organizações ainda são muito atuantes no município.

Em 1988 o PT foi eleito ao Governo Executivo pelo voto direto, com uma plataforma que defendia a inversão da prioridade municipal e implantação da gestão democrática em todos os setores políticos, na tentativa de deixar para traz o clientelismo alienígena (ABREU, 2005)

“De 1989 a 1992, ocorreu um processo de intensa discussão junto à comunidade para dotar o Município de uma política urbana orientada na reversão do quadro dominante (crise 66 urbana, riscos ambientais, desequilíbrios sociais, etc) e na busca de um desenvolvimento adequado aos anseios da população. Na ocasião, a própria Prefeitura montou, com apoio da Coppe/UFRJ, uma equipe técnica dentro da Secretaria de Planejamento responsável pela elaboração e implantação do Plano Diretor.” (ABREU, 2005, p.66)

E é dentro do plano diretor (peça-chave do governo democrático que se iniciou em 1989) que está a questão do mapeamento de loteamentos do centro da cidade. Na época a Instituição de Área Especial de Interesse Social (AEIS) procurou gerar uma regularização jurídica através dos índices especiais de uso do solo pela população de baixa renda (ALMEIDA, 2019). A criação da AIES buscou legitimar o uso do solo da população já marginalizada nos morros, e

que tinham nos posseiros, Igreja e por meio de invasão a obtenção da terra que muito confusamente e mal documentada foi ocupada.

Desse modo, se deu inicialmente a ocupação dos morros aos arredores da Área central, completando sua ocupação a partir dos eventos econômicos ocorridos na cidade, empregando temporariamente migrantes.

Para completar essa análise utilizamos alguns mapas com dados sobre a distribuição da renda na cidade. Assim, podemos perceber que Angra dos Reis é uma cidade altamente segregada (Figuras 42 e 43), de acordo com dados do IBGE (2010), podemos perceber que uma porcentagem elevada de pessoas tinha uma renda inferior a um salário mínimo. Esses dados são defasados, e, devido a pandemia, esses números podem ser ainda piores. Ao mesmo tempo que observamos uma quantidade muito pequena de pessoas que recebem mais que 10 salários mínimos.

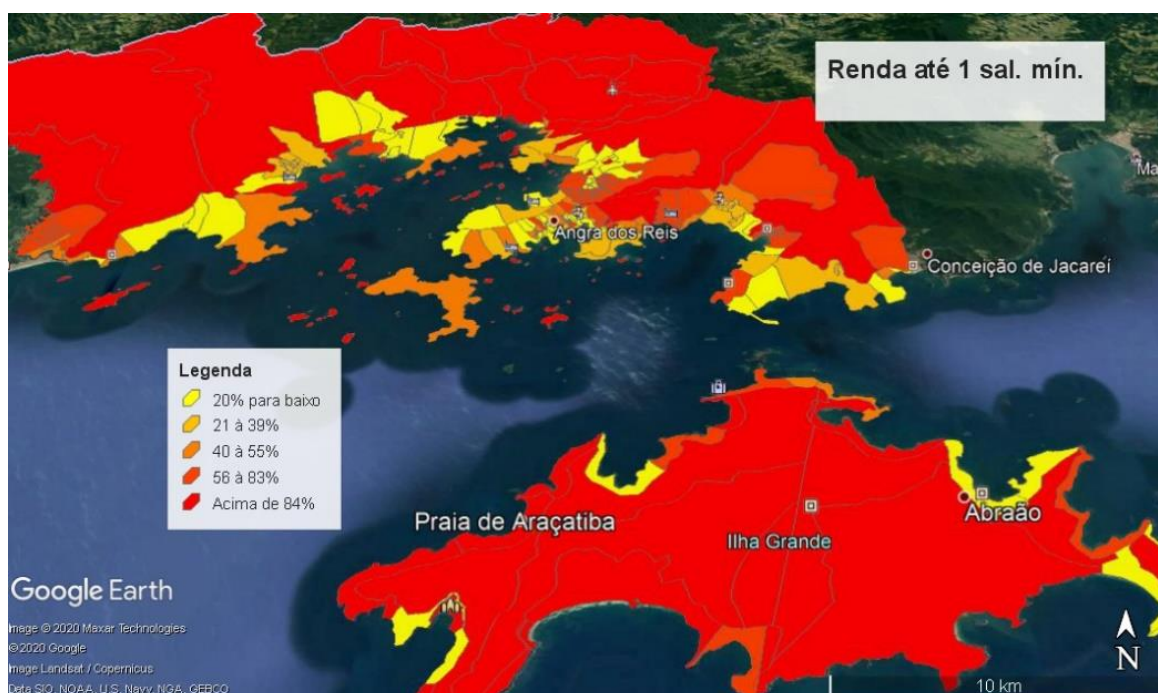


Figura 42: Porcentagem da População com renda menor que 1 salário mínimo (IBGE 2010)
 Fonte: Melara;Souza (2019)

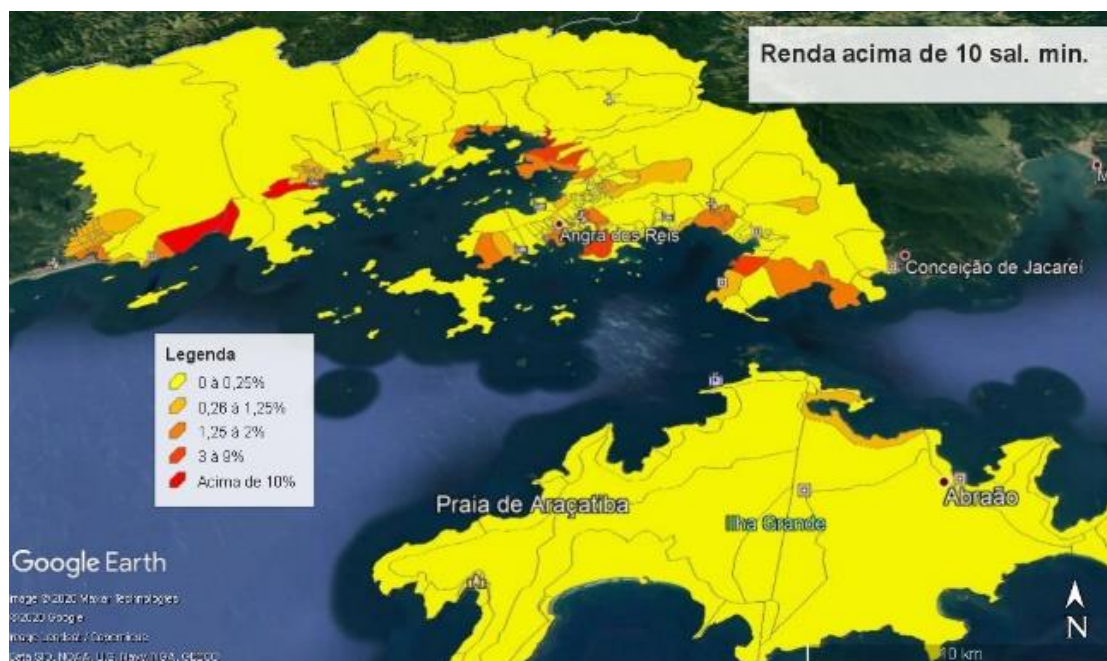


Figura 43: Porcentagem da População com renda maior que 10 salários mínimos (IBGE, 2010)

Fonte: Melara;Souza (2019)

Nos mapas podemos observar que as rendas altas estão concentradas na orla, e os morros das áreas centrais aparecem entre as porcentagens com altos índices de pessoas que recebem menos de um salário mínimo. Sabemos que a renda é apenas um fator para analisar a segregação no espaço urbano, porém foi possível observar a paisagem dos morros da cidade, bem como seu histórico para percebermos a enorme desigualdade que existe na cidade (Figura 44).

Para Corrêa (2013) a segregação residencial é um processo que envolve diferentes classes sociais e áreas segregadas:

“A segregação residencial é compreendida, então, como estando intrinsecamente vinculada às classes sociais em seus espaços de existência e reprodução. A segregação residencial diz respeito, assim, à concentração no espaço urbano de classes sociais, gerando áreas sociais com tendência à homogeneidade interna e à heterogeneidade entre elas.” (CORRÊA, 2013, p. 40.)

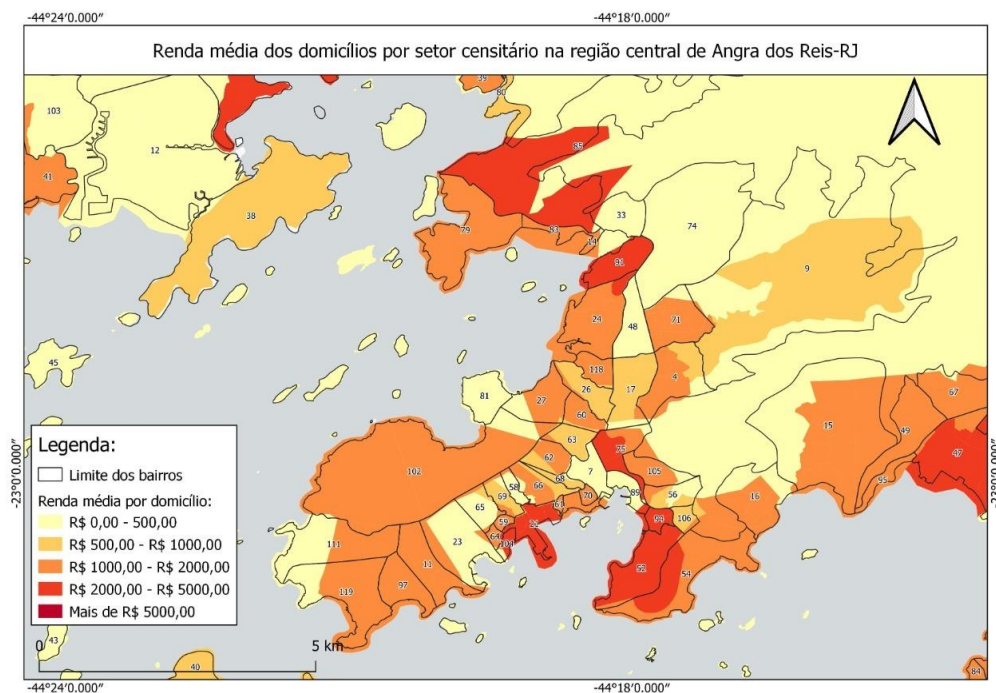


Figura 44: Porcentagem da População com renda maior que 10 salários mínimos (IBGE, 2010)

Fonte: Souza (2021)

Podemos completar a definição do autor com as colocações de Sposito (2013):

“A SEGREGAÇÃO É SEMPRE DE NATUREZA ESPACIAL e, por esta razão, ela se distingue da discriminação, da estigmatização, da marginalização, da exclusão, da espoliação ou da pobreza urbana, que podem ter expressão espacial, mas se constituem, estruturalmente, em outros planos: o social, o econômico, o político, o cultural etc. A segregação é, dentre todos os conceitos e noções que tratam das dinâmicas de segmentação socioespacial nas cidades, o que tem maior grau de determinação no plano espacial: sem este ela não se constitui e somente nele pode se revelar. (SPOSITO, 2013, p. 66)

Continuando essa análise, Corrêa (2013) entende que esse processo de segregação pode ocorrer de forma imposta, induzida, ou mesmo pela autosegregação.

“A segregação residencial das classes subalternas resulta também de uma política de classe, gerada por aqueles que detêm poder, controlando diferentes meios de produção. É possível distinguir a segregação imposta, envolvendo aqueles que residem onde lhes é imposto, sem alternativas de escolha locacional e de tipo de habitação, e a segregação induzida, que envolve aqueles que ainda têm algumas escolhas possíveis, situadas, no entanto, dentro de limites estabelecidos pelo preço da terra e dos imóveis.” (CORRÊA, 2013, p.43)

Dessa forma, é possível observarmos essa característica em Angra, como demonstrados nas figuras anteriormente. A distribuição dos bairros ao longo da extensão territorial de Angra dos Reis auxiliou ainda mais nesse processo de segregação, visto que o deslocamento entre eles se dá exclusivamente através da Rodovia Rio Santos.

Observamos no município, onde se contrastam condomínios luxuosos, com seguranças, marinas e heliportos, enquanto em outras localidades os moradores vivem em moradias irregulares, de difícil acesso e a mercê do transporte público, que, no município, é monopolizado por uma única empresa. Dessa forma, diversas regiões são atendidas apenas por uma única linha de ônibus, fazendo com que os usuários fiquem reféns dos seus horários de circulação.

“Assim, para compreender o processo de segregação socioespacial é preciso sempre perguntar quem segrega para realizar seus interesses; quem a possibilita ou a favorece, com normas e ações que a legalizam ou a legitimam; quem a reconhece, porque a confirma ou parece ser indiferente a ela; que a sente, porque cotidianamente vive essa condição; quem contra ela se posiciona, lutando ou oferecendo instrumentos para sua superação; quem sequer supõe que ela possa ser superada e, desse modo, também é parte do movimento de sua reafirmação.” (SPOSITO, 2013, p. 67)

As poucas pessoas pertencentes as elites e estratos de rendimentos médios e altos da cidade tem optado desde muitos anos a viver e praticar lazer em espaços fechados e controlados. A cidade é repleta de condomínios fechados e outros espaços murados, como loteamentos de associação de moradores bem como *resorts* e hotéis etc., provocando um forte processos de privatização das praias da cidade. Muitas pessoas/famílias têm sua “segunda” ou “terceira” ou “quarta” residência em Angra dos Reis. Isto é, são pessoas que não moram na cidade, apenas consomem as praias, a orla, as marinas, os resorts da região e pouco tem contato com o “resto” da cidade. São famílias com um nível de renda muito alto, ultrapassando rendas de 500 mil reais por mês.¹¹

¹¹ Entrevistas realizadas com empregados dos condomínios fechados. Essas entrevistas foram feitas pela orientadora da monografia e estão vinculadas a um projeto maior financiado pela FAPERJ (Edital 2020 – Grupos Emergentes), 2021.

E, de acordo com Corrêa (2013),

“[...] as áreas autossegregadas fornecem segurança aos seus habitantes, ampliando o status e prestígio que possuem. Essas áreas são consideradas nobres. Tendo sido criadas pelo grupo e de alto status social e para ele. É, assim, uma política de classes que tem no espaço um ingrediente muito importante”. [...] A autossegregação visa reforçar diferenciais de existência e de condições de reprodução desses grupos por intermédio da escolha das melhores localizações no espaço urbano, tornando-as exclusivas em razão dos elevados preços da terra urbana e de suas amplas e confortáveis habitações.” (CORRÊA, 2013, p.43)

No mapa da figura abaixo é possível perceber alguns exemplos desse tipo de forma urbana (Figura 45). Dizemos alguns, pois existem muitos condomínios, atendendo um público diverso dentro das camadas de média e alta renda. Nesse mapa aparecem apenas alguns exemplos.¹²



Figura 45: Espaços fechados em Angra dos Reis
Fonte: Google Maps (2021)

¹² Essa pesquisa de identificação dos todos os condomínios fechados ainda estão em andamento e tem sido realizada pela orientadora da monografia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises apresentadas nesse trabalho, é possível observarmos as grandes mudanças ocorridas no município ao longo dos anos. Dentre tantas transformações, fica marcado o processo de expansão da área central, numa cidade extremamente segregada. Concomitantemente a ocupação dos morros centrais, os prédios históricos centrais da área plana foram derrubados ou tiveram suas fachadas modificadas.

No decorrer dos anos, devido aos diversos projetos de grande porte implantados em Angra, principalmente a partir da década de 1940, como: a construção da Rodovia Rio Santos, Usina Nuclear, antigo Estaleiro Verolme atual Brasfells, o TEBIG, associados a projetos turísticos e investimentos das elites na orla, produziu-se um processo de urbanização elevado, com espaços autossegregados ao mesmo tempo que criava espaços segregados de forma induzida ou de forma imposta. Podemos dizer que, os agentes industriais também modificaram o espaço, na medida que atraíam migrantes de todas as partes do Brasil, porém as fases de crescimento que se intercalavam com períodos de estagnação econômica favoreceram também a produção da desigualdade social.

Nesse sentido, o aumento populacional, assim como a ausência de lotes disponíveis para a compra no mercado formal e a desapropriação de terras, ocasionou um grande aumento da ocupação das encostas dos morros. A partir de então, essas áreas das encostas passam a ser vistas pela população da área plana como um “problema” resultante da “falta de planejamento”. Os morros da área central, como o Morro da Carioca, Morro do Abel e o Morro da Fortaleza, passam a serem caracterizados como espaços “desorganizados” e “desordenados”, que “poluem” a imagem da área central da cidade.

O Estado foi um agente importante na produção do espaço de Angra dos Reis e favoreceu a ocupação da elite na orla da cidade. As disputas iniciais dos povos originários versus grileiro, posseiros e empreiteiras mostravam os primeiros conflitos entre os agentes que disputavam aquele espaço. Os conflitos seguem até hoje, alguns com sucesso dos menos favorecidos economicamente, entretanto, a maioria desses conflitos resultaram na expulsão dessas pessoas, que precisaram

se alocar em outras partes da cidade, inclusive nos morros próximos da área central.

Assim, concluímos que Angra dos Reis pouco preservou seus prédios antigos na área central, sendo caracterizada como uma cidade altamente segregada, com diferenças de renda muito gritantes. A expansão da área central tem se caracterizado pela ocupação dos morros ao redor do centro da cidade, espaços produzidos pela população excluída resultante, muitas vezes, dos diversos processos de “desenvolvimento econômico” ocorridos em Angra dos Reis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Cássio Veloso de. **Urbanização, apropriação do espaço, conflitos e turismo**: um estudo de caso de Angra dos Reis. Orientador: Glauco Bienenstein. 2005. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. Disponível em: <http://gebig.org/wp-content/uploads/2018/06/Urbanizac%CC%A7a%CC%83o-apropriac%CC%A7a%CC%83o-do-espac%CC%A7o-conflitos-e-turismo-C-V-ABREU-2005.pdf>. Acesso em: 23 de Julho de 2021.

ALMEIDA, Douglas Ramos de. **Crescimento populacional, desastres e realocação de moradores de áreas de risco**: uma breve análise histórica de angra dos reis. Monografia (Bacharel em Políticas Públicas) - Universidade Federal Fluminense – Instituto de Educação de Angra dos Reis, Angra dos Reis, 2019.
BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAPAZ, C. **Memórias de Angra dos Reis**. Rio de Janeiro: Asas Artes Gráficas Ltda., 1996.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORRÊA, Renata da Silva. **Transformações socioespaciais em Angra dos Reis e Parati (RJ) de 1960/70 a 2010**. Orientador: Dr. Glaucio José Marafon. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro., Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://gebig.org/wp-content/uploads/2019/04/Transformac%CC%A7o%CC%83es-socioespaciais-em-Angra-dos-Reis-Correa-2012.pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989. _____ . Segregação Residencial: Classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L. & PINTAUDI, S. M. **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aglomerados Subnormais. In: **Agglomerados Subnormais**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 15 jul. 2021.

IBGE, Censo Demográfico de 2010. **Relatório Características Urbanísticas do Entorno dos domicílios**. 2010.

IBGE, Censo Demográfico de 2010. **Relatório Indicadores Sociais Municipais - Uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010**. 2011.

IBGE, Censo Demográfico de 2010. **Relatório Sinopse do Censo Demográfico 2010**. 2011.

MACHADO, Lia Osorio. **Angra dos reis: porque olhar para o passado?** Diagnóstico Sócio-Ambiental do Município de Angra dos Reis, Convênio FURNAS-UFRJ, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <http://gebig.org/wp-content/uploads/2018/03/Angra-dos-Reis-porque-olhar-para-o-passado-L-O-MACHADO-1995.pdf> Acessado em: 24 de Julho de 2021.

MELARA, Eliane. **ESPAÇOS FECHADOS E INSEGURANÇA URBANA:: LOTEAMENTOS E CONDOMÍNIOS EM RESENDE E VOLTA REDONDA (RJ)**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia. Instituto de Geociências – UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

NASCIMENTO, Ana Paula De Souza. **O Corpo e a Alma de um lugar: O Caso de Angra dos Reis-RJ**. Dissertação (Mestre) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANGRA DOS REIS. **Secretaria de Planejamento. Proposta de Regulamentação das Áreas Especiais de Interesse Social para os Morros do Centro do Município**. 19 de Abril de 2000.

SANTOS, Milton. Dimensão Temporal e Sistemas Espaciais no Terceiro Mundo. In: SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 1ª ed. São Paulo: Nobel, 1985. p 21-35.
_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA, RITA DE CÁSSIA SANTOS DE. **Diagnóstico Ambiental Participativo como Subsídio para Avaliação da Segurança Alimentar, Hídrica e Energética em Áreas Urbanas** - Estudo de Caso em Angra dos Reis, RJ. Orientador: Ana Paula Dias Turetta. 2020. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Seropédica, 2020. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1125154/1/Dissertacao-Rita-de-Cassia-Santos-de-Souza-2020.pdf>. Acesso em: 26 de julho de 2021.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L. & PINTAUDI, S. M. **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

VASCONCELLOS, M. C. R. **Famílias escravas em Angra dos Reis, 1801 – 1888.**
Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006